



NGANGA

EDIÇÃO 04 - ABRIL 2022



Expediente

A Revista **Nganga** é uma Realização da Cova de Cipiriano Feiticeiro:

Templo de Quimbanda Maioral Exu Pantera Negra (Angra dos Reis) e Templo de Quimbanda Cova de Tiriri (São paulo).

Direção geral

Douglas Rainho

Edição e Diagramação

Natyelle Koga

Revisão

Danyo Nascimento

Arte da capa:

Cipriano o Feiticeiro por Romario Romis

Projeto

Cova de Cipriano Feiticeiro, Templo de Quimbanda Pantera Negra e Dama da Noite, Templo de Quimbanda Cova de Tiriri e Pedido.co

Contato

revistanganga@perdido.co



Sumário

Editorial.....	04
A Iniciação na Família Cova de Cipriano feiticeiro.....	06
O Pacto com o Diabo, a Magia Cerimonial e a Quimbanda - parte III	26
Os Pontos de Força na Umbanda e na Quimbanda.....	63
Idealizadores.....	77

Editorial

Sejam bem vindos a quarta edição da Revista Nganga. Este é um projeto da Família de Quimbanda Cova de Cipriano Feiticeiro, realizada pelo Templo de Quimbanda Maioral Exu Pantera Negra e Pombagira Dama da Noite (Angra dos Reis) e pelo Templo de Quimbanda Cova de Tiriri (São Paulo), com apoio do Podcast Papo na Encruza e do site de cursos EAD Perdido em Pensamentos. Os idealizadores deste projeto são o Táta Nganga Kamuxinzela e seu discípulo, o Kimbanda Zelawapanzu.

A Cova de Cipriano Feiticeiro é uma família tradicional de Quimbanda Nàgô e Quimbanda Mussurumin. O nome foi inspirado na Cueva de São Cipriano, localizada sob a Igreja de San Cebrian construída em 1126, um local famoso na Europa, onde se diz que o Diabo ensinava necromancia e as artes ocultas aos estudantes da Universidade de Salamanca, fechada no início do Séc. XVI pela Rainha Isabela, a Católica. A família foi fundada em 2019 com este nome para homenagear o Espírito de São Cipriano e a tradição mágica que ele encarna e impregna na Quimbanda e na identidade cultural da feitiçaria brasileira, como veremos na terceira parte do texto O Pacto com o Diabo & a Magia Cerimonial Europeia na Tradição de Quimbanda.



Toda Quimbanda, assim como também podemos dizer toda Umbanda, enfim, toda Macumba, é cipriânica, no sentido de que O Livro de São Cipriano, suas muitas versões, magias e feitiços influenciaram profundamente a estrutura da feitiçaria brasileira em sua gênese. As inúmeras versões de O Livro de São Cipriano trazidas ou publicadas no Brasil são àquelas da tradição cipriânica ibérica. Durante muito tempo a Península Ibérica foi considerada a «rota da seda»

da tradição mágica europeia, porque naquela região, no fim da Idade Média e início da Renascença, ocorreu uma grande miscigenação cultural entre os mulçumanos, os cristãos e judeus. A região ficou famosa tanto por produzir manuscritos mágicos, quanto por sediar inúmeras confrarias de estudantes de magia. Toda essa corrente mágica ibérica chegou ao Brasil através das bruxas degredadas e de O Livro de São Cipriano, mesclando-se a magia ameríndia e a feitiçaria advinda da África.

Esta revista é um esforço para trazer entendimento para todos que se interessam pela Quimbanda, então presumimos que falamos com Kimbandas (quimbandeiros), Umbandistas, Catimbozeiros, Macumbeiros e todos que tem interesse no caminho dos Exus e Pombagiras.

Não trazemos aqui a única verdade ou a verdade absoluta, esta revista é apenas uma forma de manifestar a nossa espiritualidade e compartilhar dos nossos pensamentos para que as pessoas compreendam como é a prática da Macumba em terreiros puramente de Quimbanda ou mesclados com outras práticas.

Entendemos e respeitamos todas as formas de culto, sabendo que cada religião tem suas próprias regras e diretrizes. Também sabemos que nem toda Quimbanda pratica o mesmo que nós praticamos. Mas, aqui na revista Nganga, expomos nosso ponto de vista, nossa visão e nossa vivência para aqueles que são simpáticos a nossa família.

Boa Leitura!

{ Tatá Nganga Kamuxinzela
Kimbanda Zelawapanzu }

A Iniciação

NA FAMÍLIA COVA DE CIPRIANO FEITICEIRO

PRIMEIRA PARTE



PALAVRAS INICIAIS

A Cova de Cipriano Feiticeiro é uma família tradicional de Quimbanda Nàgô e Quimbanda Mussurumin.

Esse texto tem a finalidade de esclarecer a iniciação e a estrutura de culto realizada pela nossa família de Quimbanda.

Como eu sempre tento demonstrar, muito embora as famílias de uma mesma vertente de Quimbanda sigam certos protocolos universais, dentro da tradição, regras e práticas mudam de casa para casa, de terreiro para terreiro, respeitando não apenas os nuances regionais, mas a

formação dos sacerdotes e mestre em exercício. Vou dar um exemplo: em nossa família somente o táta-nganga é autorizado a usar chapéu, porque se trata de um símbolo de autoridade e autorização espiritual. Essa regra não vale para todas as famílias de Quimbanda Nàgô ou Mussurumin, evidentemente. Você pode indagar: mas e se o Exu quiser usar chapéu? Eu te respondo: não seja estúpido, o chapéu é do Exu, não do kimbanda. Vamos começar!

O Simbolismo Iniciático da Iniciação na Família Cova de Cipriano Feiticeiro

A cerimônia de iniciação na família Cova de Cipriano Feiticeiro trata-se de um rito de passagem da vida infantil e adolescente para vida adulta, madura. Nós compreendemos a Quimbanda como uma confraria hermética de guerreiros, porque Quimbanda é a arte da guerra. Não há espaço para crianças no exército do Chefe Império Maioral, o Diabo. Somente Homens maduros e decididos

estão aptos a tornarem-se guerreiros. Crianças não portam facas, somente guerreiros caçadores! Crianças não exercem o ofício sacerdotal do sacrifício, somente hierofantes consagrados e ungidos.

Portanto, a partir da iniciação, o kimbanda, começa uma nova vida, deixando para trás a vida de uma criança para iniciar a vida de um Homem adulto, apto a decidir por si mesmo o seu destino. A Quimbanda é um exercício de amadurecimento pessoal que valoriza a ética, a honra, a firmeza de caráter, a fidelidade, a força, a coragem, o comprometimento espiritual para com a família e a sabedoria. Tornar-se um Mestre de Quimbanda é tornar-se um Mestre da Vida. A vida é guerra!

A Natureza, o corpo do Chefe Império Maioral, é seletiva. Ela tem selecionado os melhores e os mais bem adaptados para perpetuar a espécie desde a aurora da humanidade. É por isso que o Diabo seleciona os melhores para compor sua horda de guerreiros, assim como a Mulher, o Espelho da Natureza, seleciona os melhores Homens para seguirem ao seu lado como genitores de uma prole forte e que resista ao tempo e às intempéries da vida.

O rito de iniciação é a ocasião onde são constituídos os pactos, as alianças e os compromissos espirituais entre o kimbanda recém-iniciado e seu Exu tutelar. A iniciação em nossa família, a Cova de Cipriano Feiticeiro, não constitui apenas uma cerimônia ou ritual, mas sim um curso de desenvolvimento espiritual que pode levar certo período de tempo, alinhado a busca e as necessidades individuais de cada um.

Esse período de aprontamento, como chamamos, termina quando o adepto torna-se um táta-nganga de Quimbanda, ocasião em que é lhe conferida a Faca de Égún. Desde o início, o kimbanda recém-iniciado, é incentivado, caso ele queira e tenha caminhos para isso em seu destino, a caminhar com as próprias pernas tornando-se um oraculista e imolador da Quimbanda.



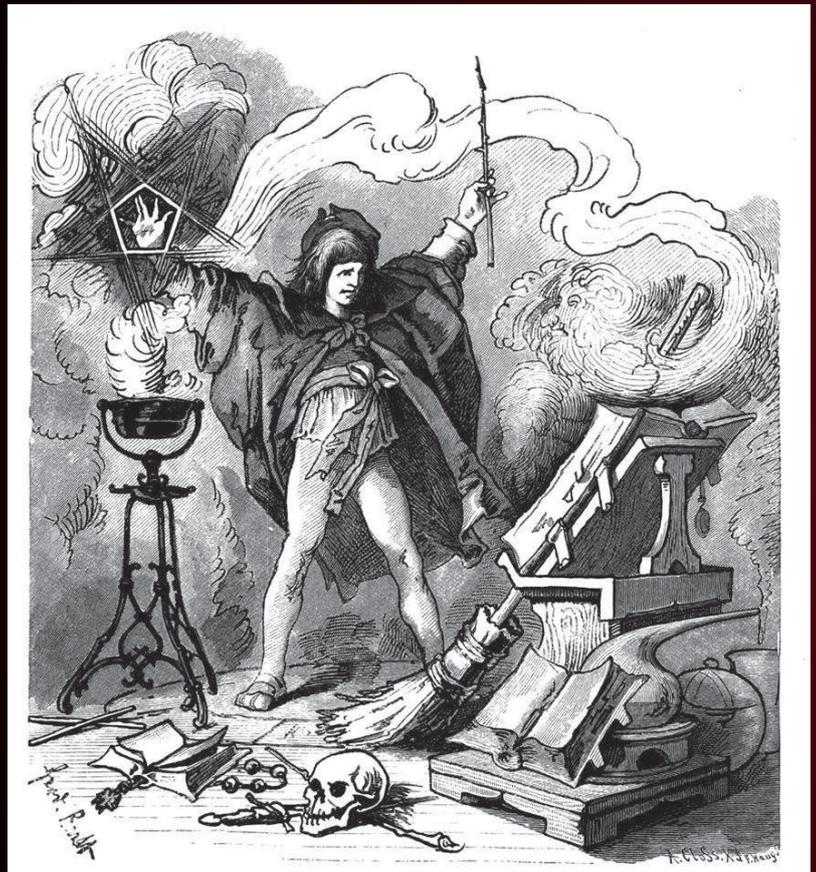
A cerimônia de iniciação constitui, portanto, uma entrada na vida sacerdotal.

A cerimônia de iniciação vincula o kimbanda ao seu Exu tutelar e a Cova de Cipriano Feiticeiro, seu sistema, estrutura e fundamentos. A Quimbanda se disseminou como uma rede de clãs (famílias espirituais). Cada clã (casa de religião, templo ou terreiro) desenvolve seus fundamentos, sistema e cosmovisão em acordo com os espíritos tutelares das famílias e herança cultural.

Por esse motivo, muitos fundamentos para uma casa são desfundamentos para outra. Bons fundamentos, no entanto, são àqueles que funcionam! É o conhecimento deste fato que deve orientar a escolha e a prática dos fundamentos, porque se é verdade tem de funcionar.

O transe, a incorporação dos Exus e Pombagiras, não é requisito para iniciação, embora seja requisito para o aprontamento como táta-nganga de Quimbanda.

Para àqueles que possuem esse tipo de paranormalidade, a incorporação no ato do sacrifício propiciatório ao Exu tutelar é um momento que coroa a cerimônia de iniciação, mas não se trata de uma condição sine qua non para que o noviço seja iniciado.



A estrutura de desenvolvimento em nossa família é essa: i. Noviço; ii. Adepto; iii. Kimbanda (sacerdote); iv. Mestre. O Noviço é àquele que passa pela cerimônia do batismo. Essa cerimônia não constrói laços definitivos com a Quimbanda, muito embora o noviço batizado já receba em sua alma a chancela mágica do Chefe Império Maioral.

O Adepto é àquele que passou pela cerimônia de iniciação e tornou-se um guerreiro das hordas do Diabo, constituindo um pacto com seu Exu tutelar. O Kimbanda é àquele Adepto que por honra e lealdade conquistou a posição de sacerdote, podendo a partir daí auxiliar clientes através do oráculo, produção de medicinas mágicas e sacrifícios propiciatórios. O Mestre de Quimbanda, quer dizer, o táta-nganga, é àquele Kimbanda apto a exercer plenamente o ofício

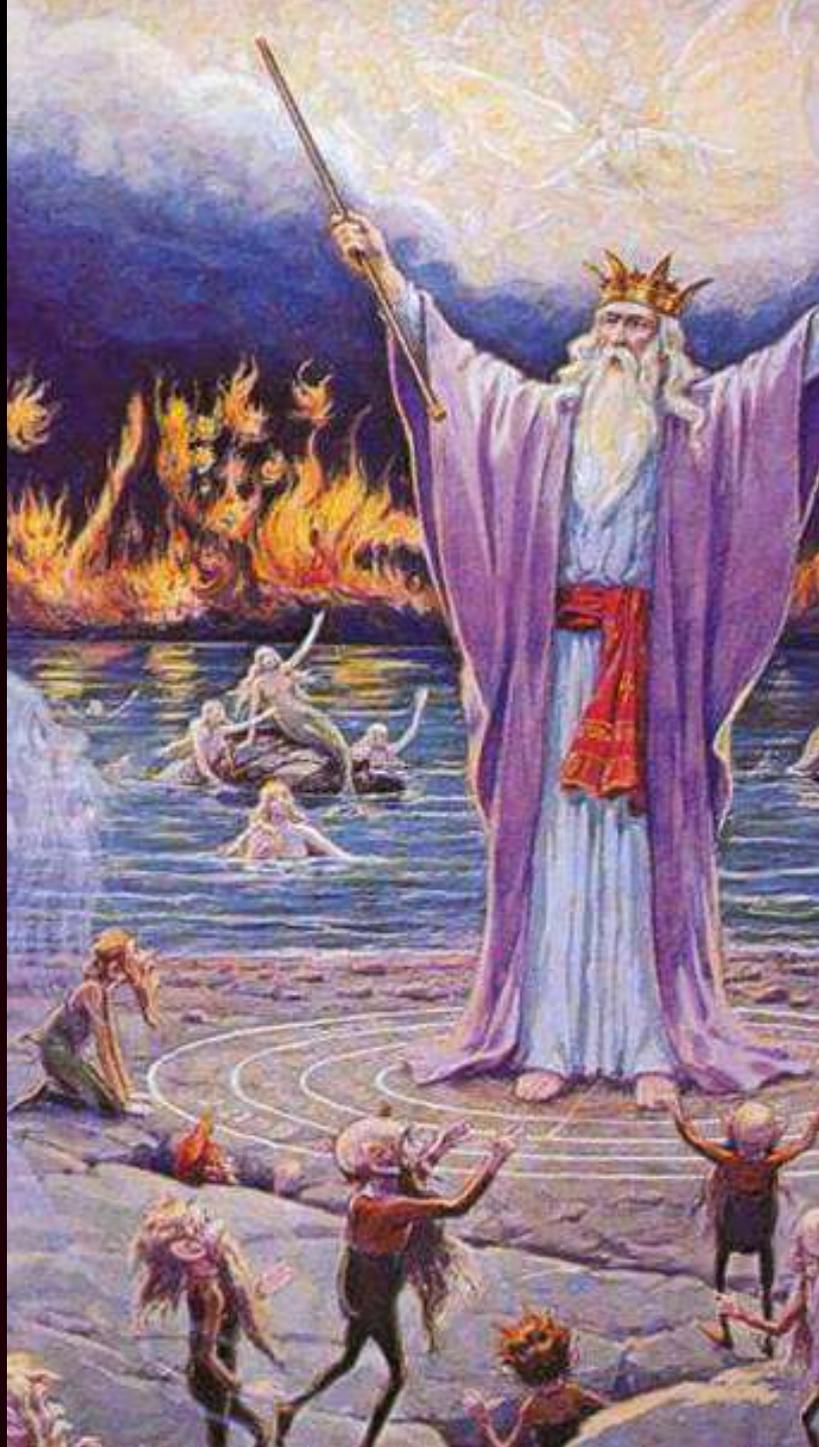
da Quimbanda, iniciando outros noviços na tradição e constituindo, a partir daí, sua própria família de Quimbanda. A partir do momento em que se torna um táta-nganga ele tem a missão de construir seu jardim de discípulos, iniciando sua jornada independente da família ao qual foi iniciado, muito embora honrando sempre seu mais velho e iniciador nos mistérios da magia e feitiçaria de Exu e Pombagira.

A Quimbanda Nàgô & a Quimbanda Mussurumin na Família Cova de Cipriano Feiticeiro

Na nossa família de Quimbanda, Cova de Cipriano Feiticeiro, começa-se a jornada iniciática pela Quimbanda Nàgô. A Quimbanda Mussurumin é apresentada somente àqueles que conquistaram a posição sacerdotal de táta-nganga, como uma coroação espiritual.

Tudo na Quimbanda Mussurumin é segredo e ela é considerada uma vertente de Quimbanda superior a Quimbanda Nàgô, constituindo um trabalho complementar ao telurismo presente na Quimbanda Nàgô. Receber a Quimbanda Mussurumin é um símbolo de honra, força, coragem, sabedoria e confiança. Somente alguns são eleitos para adentrar aos mistérios do Exu Rei Kaminaloá e a Nação Mussurumin de Quimbanda.

Ambas as vertentes têm sua própria estrutura de culto, completamente independentes e àqueles que recebem a Quimbanda Mussurumin são livres para transmiti-la também de forma independente. Em nossa família, Cova de Cipriano Feiticeiro, se elegeu transmitir a Nação Mussurumin como uma honraria àqueles que conquistaram o título de táta-nganga na Quimbanda Nàgô.





Quimbanda, Goécia, Demonologia e Diabolismo na Família Cova de Cipriano Feiticeiro: A História da Incursão Diabólica no Brasil

Muitas vezes é esquecido que o vodu, apesar de toda a sua herança africana, pertence ao mundo moderno e faz parte da nossa civilização [...]. A ocidentalização de uma religião africana trouxe à luz todas as características que ela compartilha com as religiões do Mundo Antigo, para que qualquer pessoa familiarizada com o universo clássico possa facilmente entrar no misterioso mundo do Vodou [...]. Vodou é um paganismo do Ocidente.

Tradicionalmente, foi a Quimbanda Nàgô que construiu a ponte sincrética entre os Exus e Pombagiras e a demonologia e diabolismo dos grimórios medievais de feitiçaria europeia. Não existe esse trabalho na Quimbanda Mussurumin, e isso é um ponto que deve ser enfaticamente esclarecido. É a Quimbanda Nàgô que

constrói essa ponte. Esse tema é demasiado complexo para esse pequeno opúsculo de meditação. Nas próximas edições vamos trabalhar com mais detalhes sobre ele, e um volume inteiro sobre o assunto está em produção, o *Daemonium* (Vol. II).

Para que possamos compreender como a Quimbanda está inserida no moderno renascer da magia dos grimórios, precisamos encontrar essa fusão na história. Existem inúmeras maneiras de abordar esse e tantos outros temas, ideias, conceitos, tradições espirituais e práticas mágicas: ciência, teologia, mitologia, geografia, psicologia, filologia, filosofia, história, hermenêutica etc. Aqui escolhi uma abordagem histórica, porque como inclinação pessoal, a análise histórica é mais completa.

Para estabelecer um quadro geral mais coeso e abrangente do nascimento

e desenvolvimento de ideias e eventos na linha do tempo e espaço, a história se vale também da teologia, da mitologia, da geografia, da hermenêutica, da filologia e até do que hoje se conveniu chamar de ciência ou materialismo científico.

O ponto de vista cientificista e materialista moderno tem excluído a teologia, a mitologia e outros pontos de vista do cosmos, negando, condenando ou perseguindo ideias e práticas não alinhadas a ele.

Então, é importante esclarecer algumas coisas: i. porque você não concorda com algo, não significa que não exista; ii. existem outros pontos de vista acerca do cosmos além daquele moderno cientificista e todos são valiosos em certa medida, equivocados em outra. Tudo que envolve a Quimbanda, como hoje a conhecemos, também envolve o termo moderno, mas alinhado as tradições arcaicas da magia.

É por isso que abri esse texto com a citação de Alfred Metraux (1902-1963) sobre o Vodou, porque assim como ele ou o Palo cubano a Quimbanda brasileira também é filha do Novo Mundo, são tradições que descendem da diáspora africana.

Então a Quimbanda participa do Mundo Antigo sendo dele uma herdeira, acrescida dos elementos culturais diversos que compõem o sangue miscigenado do povo brasileiro.

No curso de seu desenvolvimento a Quimbanda no Brasil teve dois momentos; é somente no seu segundo momento, a partir da década de 1950, que sua estrutura como



conhecemos hoje começou a se desenvolver.² A magia dos grimórios europeus se encontrou com a Quimbanda em seus dois momentos de desenvolvimento. O seu primeiro momento, que começa ainda na África, antes dos negros cristãos e àqueles não aderentes ao cristianismo chegarem ao Brasil e vai até a década de 1940.

Nesse primeiro momento houve uma grande confluência mágico-cultural no Brasil, uma miscigenação espiritual distinta em muitas partes do território brasileiro.



Ela envolveu o encontro das culturas africanas: bantos e yorùbás, a feitiçaria popular ibérica e a demonologia europeia, as práticas de pajelança e cura ameríndias. Esse encontro resultou nos primeiros Calundus baianos; a prática dos Calundus era rural e quando a sociedade brasileira começou a mudar seu sistema econômico de agrícola para industrializado, os Calundus saíram das matas para se tornarem os Candomblés das cidades.

A Cabula, um culto banto familiar e secreto também praticado em áreas rurais, pela mesma necessidade dos Calundus começou a migrar para o asfalto dando nascimento as diversas Macumbas, onde houve a primeira fusão da espiritualidade banto e yorùbá. Por todo período colonial, imperial e republicano, tudo o que envolvia as práticas mágicas africanas era denominado de macumba, termo pejorativo na época e ainda hoje. A Quimbanda é filha da Macumba.

Nesse primeiro momento aportaram no Brasil as primeiras feiticeiras ibéricas, degradadas pelo Santo Ofício. De pouca ou quase nenhuma educação, a magia dos grimórios estava distante dessas feiticeiras, que tinham uma relação mais

² Táta N'zazi em 1953 no Rio de Janeiro, chefe da Tenda Caboclo Juracy, é considerado o primeiro kimbanda a assumir os moldes modernos que conhecemos hoje na Quimbanda, associando os Exus e Pombagiras a demônios europeus. Não há registro histórico nenhum, mas a tradição oral conta que foi ele o primeiro a eleger a iconografia de Baphomet para o Chefe Império Maioral. Dois anos depois da publicação do livro Exu de Aluizio Fontenelle. Veja abaixo.

amigável e familiar com o Diabo e sua corte de demônios.³ Diferente da postura dos magos dos grimórios, as feiticeiras conjuravam anjos, santos e demônios indiscriminadamente para lhe auxiliarem. Da perseguição à prática mágica que elas exerciam, nasceu o que ficou conhecido como o fenômeno bruxaria, uma suposta adoração ao Diabo.

É essa herança cultural, essa associação livre com o Diabo e espíritos diversos – diferente das necessidades e precauções dos primeiros grimórios, que exigiam disciplina, pureza e conhecimento das artes notórias – que as feiticeiras trazem ao Brasil, as primeiras edições de O Livro de São Cipriano, que influenciou profundamente a feitiçaria brasileira. Portanto, a espiritualidade de nosso povo, vamos dizer a identidade mágica de nossa nação, de nossa terra, tem essa característica fundamental, criando um eixo que cravado em terra, vai até os céus.

Quantas pessoas nós conhecemos que vão aos cultos nas igrejas cristãs e as sextas-feiras vão às giras de Exu? Muita gente! Está em nosso DNA espiritual essa fusão multicultural. Foi assim no Mundo Antigo, como apresentado na magia dos Papiros Mágicos Gregos, foi assim na Europa medieval e foi assim também no Brasil colonial, moderno e pós-moderno. Jake Stratton-Kent diz:

A maioria dos métodos e técnicas usados pelas bruxas dos tempos antigos tem pouca semelhança com aqueles usados pelas bruxas neopagãs de hoje. Muitas vezes o povo astuto praticava a observância da fé dual e os encantos, amuletos, orações e encantamentos que eles usavam invocavam Jesus, a Virgem Maria, a Trindade e a companhia dos santos. Os salmos eram usados para propósitos mágicos como feitiços e ainda estão em alguns círculos de feitiçaria tradicionais modernos. Com a chegada da nova fé do cristianismo e a supressão das antigas religiões pagãs, objetos como crucifixos, medalhões dos santos, a hóstia e a água benta foram amplamente usados pelos magos populares porque acreditavam possuir «virtude» ou energia mágica e poder de cura inerente. O simbolismo cristão era usado em rituais de magia popular envolvendo proteção psíquica, contra-magia e cura. Muitos dos antigos encantos pagãos foram cristianizados e alguns dos santos assumiram os atributos anteriores de deuses e deusas pagãos. As nascentes sagradas, anteriormente dedicadas às deusas, por exemplo, eram voltadas para a Virgem Maria ou para as mulheres, como Winefrede ou Bride. Os encantos de cura substituíram os nomes das divindades pagãs, como Woden, Loki e Thor, pelos de Deus, de Jesus e do Espírito Santo. Muitos dos grimórios usados pelas bruxas e praticantes da magia popular também continham inevitavelmente o simbolismo judaico-cristão.

Algumas bruxas tradicionais modernas ainda seguem a observância da fé dupla

³ Os grimórios tardios como o Grand Grimoire ou o Grimorium Verum gradativamente foram apresentando uma linguagem mais popular, acessível a pessoas com pouca educação. Diferente daqueles primeiros grimórios como a Chave de Salomão, robustamente mais eruditos. Esses grimórios tardios tiveram um grande impacto em muitas das religiões nascidas da diáspora africana para as Américas. Veja Jake Stratton-Kent, Enciclopaedia Goetica (Vol. I).



usando os salmos para propósitos mágicos, trabalhando com a companhia de santos e empregando imagens cristãs, simbolismo e liturgia, muitas vezes de maneira herética e subversiva. A bruxa neo-pagã fala de maneira que não prejudique ninguém, enquanto que a bruxa tradicional moderna – em comum com as astúcias das bruxas do passado – pode tanto curar quanto amaldiçoar quando surgir a necessidade. Aqui a magia, enquanto cristã, é indubitavelmente autêntica, e não um renascimento romântico. Práticas semelhantes podem ser encontradas no Vodou, Hoodoo, Santeria, Macumba, Ju-ju e Obeah nas Américas e na África. Um modelo católico do universo, incluindo o céu, o purgatório e o submundo, influenciou a aceitação congoleza e o uso do catolicismo em suas práticas mágicas, como Palo Mayombe. É tão útil na necromancia ocidental.⁴

E sobre o impacto dos grimórios tardios nas religiões e práticas mágicas do Novo Mundo, ele ressalta:

Até que ponto os grimórios eram território de uma elite altamente letrada e até que ponto representam tradições populares de vários períodos? Ao considerar uma literatura que se estende pelo menos do século XII ao século XIX, com origens, influência e desenvolvimento de ambos os lados desse período, trata-se de uma questão complexa que naturalmente não pode ser definitivamente resolvida aqui. É necessário perguntar, no entanto, pois existem fatores poderosos no desenvolvimento das tradições mágicas do Novo Mundo que não podem ser entendidos sem fazê-lo [...]. Sabe-se que a tradição do grimório teve uma influência significativa e crescente sobre as práticas mágicas da diáspora africana nas Américas e sobre as tradições mágicas do Novo Mundo pelo menos a partir do século XIX. Versões adaptadas dos talismãs do Black Pullet são encontradas na prática do Vodou de Nova Orleans desde pelo menos a década de 1940. Na verdade, porém, a influência de tais livros, e as tradições culturais neles refletidas, foi sentida mais de um século antes. Muitos grimórios franceses estavam disponíveis no Haiti bem cedo, bem como em Nova Orleans e em outros lugares, e sua influência

umentou constantemente. Não apenas os livros, que provavelmente não eram numerosos inicialmente, mas os próprios europeus tiveram uma influência direta nas crenças mágicas dos africanos no Haiti e em outros lugares durante e após o período colonial. [...]. A influência de O Livro de São Cipriano, bem como dos europeus que o trouxeram consigo, fez-se sentir nas colônias espanholas e portuguesas pelo menos desde o século XIX. [...].

De algumas perspectivas, aquelas que enfatizam expressões puramente literárias da cultura, o True Grimoire pode parecer ter sido particularmente influente. A realidade é que, como um grimório com fortes conexões de magia popular, reflete mais amplamente do que outras tradições de magia popular de origem europeia que tiveram um impacto poderoso nas do Novo Mundo. Não foi o principal veículo dessas tradições, mas uma reflexão literária singularmente rica delas. O verdadeiro veículo dessas tradições eram as pessoas, inclusive milhares de ciganos no caso do Brasil, cuja impressão na Quimbanda e mesmo em toda a cultura ainda é fortemente sentida. Os grimórios populistas eram um aspecto da tradição, mas enquanto eles estão entre os últimos vestígios dessa tradição na Europa, eles são apenas uma pequena parte de sua sobrevivência no Novo Mundo. Em outras palavras, muito do que foi perdido para as tradições mágicas europeias ainda prospera nas religiões do Novo Mundo. [...].

O Grimorium Verum também se refere às Américas muito especificamente como parte de sua visão de mundo oculta. Assim como o Grimorium Verum e outros grimórios influenciaram as tradições mágicas e religiosas da diáspora africana nas Américas, podemos aprender muito com essas tradições em nossa abordagem da magia goética; a centralidade de uma relação com os espíritos e a abordagem deles como seres vivos com personalidades, atributos e estilo individual e outras características é útil. Essa abordagem contrasta fortemente com a atitude supostamente tradicional de ameaçar os espíritos com facas e considerá-los indistintamente como agentes do mal em termos de uma teologia alheia às suas origens. Da mesma forma, uma abordagem fria, desapaixonada e mecanicista é incompleta e insatisfatória, e certamente não dá a mínima ideia da abordagem empregada por seus autores e pelos magos de sua época. [...].⁵

E João do Rio (1881-1921) em sua biografia da feitiçaria brasileira no início do Séc. XIX diz:

Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros, é que a base, o fundo de toda a sua ciência é o Livro de São Cipriano. Os maiores alufás, os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do São Cipriano. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais os negros soletram o São Cipriano, à luz dos candeieiros.⁶

5 Jake Stratton-Kent, Enciclopaedia Goetica (Vol. I).

6 João do Rio, As Religiões do Rio, 1904.



Portanto é uma fantasia – para não dizer desonestidade intelectual – argumentar que a Quimbanda não teve nenhuma convergência com a magia dos grimórios. Teve sim, principalmente depois das obras⁷ de Aluízio Fontenelle (1913-1952), no segundo momento da Quimbanda no Brasil, onde se formulou a estrutura iniciática que conhecemos hoje. Abro esse comentário com uma citação de Saulo Condes Fernandes:

E a Quimbanda com seus exus-pagãos? Para os intelectuais umbandistas, esta teria que ser excluída da ritualística; mas esta prática perdura no cotidiano dos terreiros, e mesmo que há algumas casas que se consideram Umbanda Linha Branca, a grande maioria também pratica a Quimbanda. Se fosse possível realizar divisões, diríamos que a Umbanda se divide em duas (Umbanda/Quimbanda) e a Quimbanda também se divide em duas (a dos exus batizados e a dos exus pagãos).

Mas creio que, na realidade, o campo das religiões afrobrasileras é muito fluido

e, com certeza, não há uma fronteira bem definida entre as modalidades aqui discutidas (Umbanda, Quimbanda, Candomblé), haja vista que um mesmo terreiro pode praticá-las simultaneamente, ou seja, trabalhar, por exemplo, com a Umbanda na segunda, com a Quimbanda na sexta, e realizar festas de Candomblé em datas comemorativas. [...] Pelo menos não na grande maioria dos terreiros. Não há esta separação, haja vista que a Quimbanda está inserida dentro da Umbanda. Mas é factível engendrar um raciocínio: a Macumba é uma religião presente no campo religioso afro-brasileiro, inclusive o pesquisado por mim, e é confundida, muitas vezes propositalmente, com a Umbanda. E é possível medir quão próximo um terreiro possa estar da Macumba ou da Umbanda, através da análise da Quimbanda: quanto mais forte for o papel do exu, mais Macumba o terreiro é.⁸

7 São três: A Umbanda através dos Séculos; O Espiritismo no Conceito das Religiões e a Lei de Umbanda; finalmente Exu, a mais polêmica de todas.

8 Saulo Conde Fernandes. Cultos Híbridos no que é Afro-Brasileiro: Qual a Fronteira entre Umbanda, Quimbanda e Candomblé. Artigo encontrado na internet.

Quem inaugura o segundo momento da Quimbanda, dando a ela a atual estrutura que hoje conhecemos e praticamos, foi um autor ocultista umbandista chamado Aluizio Fontenelle.

Foi Fontenelle, em sua obra Exu de 1951, que associa os demônios do Grimorium Verum⁹ aos Exus e Pombagiras da Quimbanda, alegando ter recebido instruções espirituais de seus guias/ancestrais. Misteriosamente ele morreu depois disso. Importante lembrar, uma vez que ele mesmo afirma que forças espirituais estavam envolvidas no processo. Muita coisa pode ser dita sobre as fundações da Quimbanda nesse segundo momento. Vou tentar falar sobre algumas delas, mas um volume comentando Fontenelle seria útil para uma análise profunda, o que não conseguiremos aqui.

- O que, efetivamente, Fontenelle chama de Quimbanda?
- A conexão entre a Quimbanda, o mal e o Diabo.
- A associação entre espíritos dos mortos e os demônios.

O que, efetivamente, Fontenelle chama de Quimbanda?

Quando a Cabula começou a sair das áreas rurais ela se encontrou com os Candomblés, já estabelecidos nas cidades. Desse encontro nasceu a Macumba, a matriz da Umbanda e da Quimbanda. Foi na Macumba que os òrìsà nàgô-yorùbá se encontraram e deram as mãos aos nkisis, baculos e mahambas dos

povos bantos. As práticas fetichistas, tribais, vitalistas e animistas dessas duas culturas africanas se encontraram com elementos católicos e ameríndios na Macumba, que se espalhava por diversas áreas do Rio de Janeiro e São Paulo, onde havia grandes concentrações de escravos africanos libertos e imigrantes europeus em busca de uma nova vida.

A Macumba do Rio de Janeiro começou a se apropriar de espíritos populares de outras religiões afro-brasileiras. Da Cabula tirou o Táta Caveira e Táta veludo que se tornariam exus importantes; do Candomblé de Caboclo

⁹ Existe uma ideia disseminada que Fontenelle cruzou Exu com a goécia, como veremos logo abaixo em nota. Tecnicamente não, porque sua influência foi o Grimorium Verum, não o Lemegeton. Somente quinze demônios do Lemegeton constam também no Verum. No sentido em que goécia é feitiçaria – ou na visão de umbandistas como Fontenelle baixa magia ou baixo espiritismo – e convocações de espíritos telúricos e ctonianos como mortos ou demônios, sim.



praticado no Norte tirou os caboclos, os espíritos originários da terra, e com os exus dos Candomblés da Bahia se completou a tríade fundamental. [...] Inicialmente os exus importados do Candomblé [...] passaram a ser associados às almas de suicidas e criminosos mortos, pessoas de natureza pervertida e prostitutas. [...] Aqui a Quimbanda começou a indicar [...] o trabalho de feiticeiros do mal que podiam fazer qualquer coisa por dinheiro.¹⁰

As obras de História da Umbanda de Diamantino Fernandes Trindade contêm um rico material de pesquisa desse período, recheadas de matérias de jornais da época relatando as incursões policiais nos terreiros de Macumba, que precisavam urgentemente sair do radar das autoridades e serem aceitos pela classe média brasileira. Foi quando os milicianos do espiritismo de Allan Kardec (1804-1869) começaram a invadir a Macumba fazendo dela a Umbanda que conhecemos hoje. Aluizio Fontenelle esteve entre eles.

Nas primeiras décadas do século XX os espíritos e práticas da Macumba se misturaram com os conceitos e ideias kardecistas para formar a Umbanda. Nas lutas contra a perseguição religiosa e na busca de aceitação social os exus foram inicialmente negados ou ocultados. [...] As associações de Umbanda faziam o possível para se distanciar da Macumba; para se ter uma ideia do porquê, basta mencionar que a referência do jornal de 1938 que vimos foi uma batida policial feita pela polícia em um centro de Macumba, onde se encontrou uma placa que oferecia o serviço dos exus e pombagiras pelo valor de sete mil réis e a consulta com os mesmos espíritos por cinco mil.¹¹



Havia a necessidade de higienizar a Macumba, tirando dela os elementos fetichistas africanos, substituídos por uma mística moral que condenava a bebida, o fumo e o sacrifício, sem contar nos inúmeros despachos que se acumulavam nas encruzilhadas do Rio de Janeiro e de São Paulo, elemento que fez ferver uma comoção generalizada de repúdio as práticas religiosas africanas pela sociedade de classe média e alta.

10 Umberto Maggi & Verónica Rivas. Rainhas da Quimbanda. Via Sestra, 2020.

11 Ibidem.

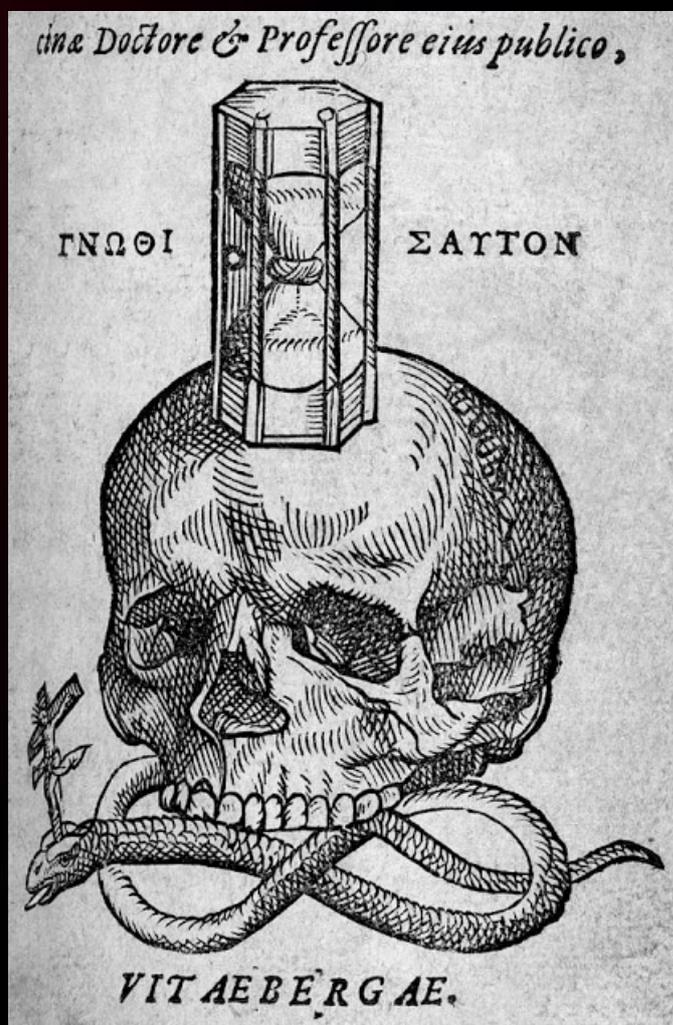
Então todo o elemento africano, negro, selvagem e tribal deveria ser eliminado, e em seu lugar foram agregados mais elementos europeus-cristãos-espíritas, dando nascimento a uma Umbanda de Linha Branca que deveria ser opor a disseminação das trevas por uma Quimbanda de Linha Negra. Essa Quimbanda que Aluízio Fontenelle se refere em seus livros é, em verdade, a mãe da Umbanda, quer dizer, a Macumba: o berço do trabalho com os Exus, os sacrifícios e os despachos como fazemos hoje.

Em fins do século passado, existiam, no Rio de Janeiro, várias modalidades de culto que denotavam, nitidamente, a origem africana, embora já bem distanciadas da crença trazida pelos escravos. A magia dos velhos africanos, transmitida oralmente através de gerações, desvirtuava-se, mesclada com as feitiçarias vindas de Portugal onde, no dizer de Morales de los Rios, existiram sempre feitiços, rezas e supertições.

As «macumbas» – mistura de catolicismo, fetichismo negro e crenças nativas – multiplicavam-se; tomou vulto a atividade remunerada do feiticeiro, o «trabalho feito» passou a ordem do dia, dando motivo a outro, para lhe destruir os efeitos maléficos; generalizaram-se os «despachos», visando se obter favores para uns e prejudicar terceiros; aves e animais eram sacrificados, com as mais diversas finalidades; exigiam-se objetos raros para homenagear entidades ou satisfazer elementos do baixo astral. Sempre, porém, obedecendo aos objetivos primordiais: aumentar a renda do feiticeiro ou «derrubar» – termo que esteve muito em voga – os que não se curvassem ante os seus poderes ou pretendessem fazer-lhe concorrência.¹²

Então Fontenelle refere-se à Macumba quando utiliza o termo Quimbanda em suas obras e a ela acrescenta um novo elemento, a demonologia europeia.

Aluízio Fontenelle tem uma postura dura e crítica na sua forma de expressar a Umbanda. Apresenta influencias diversas com ênfase para hinduísmo, teosofia, cabala e alta magia europeia. Ressalta a existência



¹² Omolubà, Doutrina e Práticas Umbandistas, Ícone Editora, 2015.



de um aspecto esotérico, fechado e oculto, em todas as religiões, propondo a busca pelos «reais fundamentos» da Umbanda em seu aspecto esotérico.

Apresenta as Sete Linhas de Umbanda e suas Legiões por meio do modelo criado por Lourenço Braga (Umbanda e Quimbanda, 1942). No entanto é justamente com relação a Exu que este autor irá inovar e tornar-se um dos escritores mais copiados e mal compreendido na religião.

A busca pela «Umbanda Esotérica e Iniciática» o levou, assim como a outros umbandistas, a buscar o «supra sumo» da religião em outras culturas. Aluízio Fontenelle é o primeiro autor a comparar os exus de Umbanda com os demônios da Goécia, «Magia Negra» europeia. Se por um lado ele teve intenção de elevar o padrão intelectual da religião, por outro deu início a uma «demonização» do exu de dentro para fora, como se já não basta-se a externa. Ou seja atribuiu aos tão conhecidos nomes de exus em suas populares falanges, nomes tão

ou mais conhecidos na «Magia Negra».

Desta forma Aluízio Fontenelle foi o primeiro autor umbandista a relacionar os nomes de exus de umbanda com nomes da «Magia Negativa» (Magia Negra) europeia. Foi copiado ou simplesmente serviu de inspiração para autores como Decelso, Antônio de Alva, José Maria Bittencourt, N. A. Molina e tantos outros autores posteriores a adotar este sincretismo entre Umbanda, Quimbanda e Goécia [...]. Claro que há contribuições positivas e negativas por parte de todos os autores, no entanto a partir do momento que identificamos exus como «demônios» ou «pretensos demônios», em seu sentido popular de ser, nós mesmos estamos dando lenha para aquecer a fogueira da discriminação e do preconceito. Suas tabelas e relação foram largamente usadas pela «Quimbanda» brasileira.¹³

Aqui chegamos ao segundo ponto dessa análise introdutória: A conexão entre a Quimbanda, o mal e o Diabo. Em O Espiritismo no Conceito das Religiões e a Lei de Umbanda, Aluízio Fontenelle diz:

Na Umbanda não se pratica o mal, ao passo que na Quimbanda só é conhecida a

vingança e, os seus trabalhos de magia negra, apenas visam prejudicar esse ou aquele que se antepõe aos seus interesses.

E em A Umbanda através dos Séculos, Fontenelle acrescenta:

Os EXUS ou espíritos diabólicos, considerados como servos ou escravos dos Orixás, servindo de intermediário entre os Orixás Menores e o homem. São essas entidades que se incumbem de castigar os filhos de fé quando erram, de vez que aos Orixás não é dado pó direito de castigo e tampouco se incumbem da prática do mal.



Esses apontamentos de Fontenelle refletem uma visão da teodiceia cristã sobreposta a realidade de òrìsà, baseada no intenso fluxo mágico-cultural da diáspora africana nas Américas, na perda da identidade religiosa negra, e na necessidade de embranquecer a Macumba. É uma excrescência, de fato, mas que deu nascimento à estrutura sobre a qual a Quimbanda cresceu, se desenvolveu e abriu suas portas para o mundo. Essas duas citações de Fontenelle são importantes porque por elas podemos destacar a seguinte convergência diabólica:

A Quimbanda é o exercício/ofício do mal: porque seus trabalhos de magia negra têm a finalidade última de vingança e de prejudicar as pessoas.

- Exus são espíritos diabólicos, do mal.
- Exus são servos de òrìsà.
- Exus são castigadores daqueles que erram.
- Exus são espíritos intermediários entre os homens e os òrìsà.

Convergência diabólica porque todos os pontos acima são temas de intenso debate filosófico, teológico e histórico sobre o Diabo, a incorporação total do mal e seu papel na teodiceia cristã. No texto Exu é Faca disponível na Revista Nganga No. 2, eu destaquei:

Qualquer estudo genuíno sobre a teologia e cosmovisão da Quimbanda deve levar em consideração: i) a natureza do mal; ii) a inserção da demonologia europeia na sua cosmovisão e teogonia. Quando negamos essa herança, nós descarecterizamos a tradição e deturpamos seus objetivos fundantes. Como prática mágico-religiosa, a Quimbanda cumpre um papel social, indigesto à grande massa.

O mal sempre foi representado, seja um mal moral ou pessoal, por um sentimento

de aflição agonizante: o sofrimento. Todo processo natural ou moral que provoca dor e sofrimento no ser humano é um tipo de mal. [...] A Quimbanda nasceu para flagelar e combater: perseguição, injustiça, escravidão, humilhação, covardia, desonra etc.

Antigos deuses, criaturas espirituais de todos os tipos, encantados, ancestrais, diabretes e muitos outros se tornaram demônios no Ocidente cristão. No imaginário ocidental, demônios e diabos são espíritos malignos cujo objetivo é fazer o mal, prejudicar o ser humano. Esses antigos deuses demonizados encontraram morada na

Quimbanda, transformando-a em um relicário brasileiro de forças das trevas.

A Quimbanda nasce como a arma mágica dos oprimidos, da sabedoria e da magia de negros e índios escravizados, bruxas e feiticeiras degredadas, da malandragem de bandidos, cafetões e prostitutas. A Quimbanda nasce como uma árvore que cresceu regada pelo sangue, suor e sofrimentos impingidos a seres humanos marginalizados pelo colonialismo, feudalismo, escravismo, segregação étnica e cultural. O mal é uma ferramenta mágica na Quimbanda e o seu veículo é a Faca.

Jeffrey Burton Russell abre seu primeiro volume de uma série de cinco livros sobre a história do mal e do Diabo assim:

A essência do mal é a violência contra um ser senciente, um ser que pode sentir dor. O importante é a dor. O mal é percebido logo pela mente, e sentido imediatamente pelas emoções; é como um ferimento causado deliberadamente. A existência do mal não exige maior prova: existo, e portanto sofro com o mal. [...] O mal não é nunca abstrato. Deve ser compreendido sempre em termos do sofrimento de uma pessoa.¹⁴

No quarto volume dessa fascinante pesquisa histórica sobre o mal e o Diabo ele diz:

O Diabo é mais bem conhecido como símbolo do mal radical. A existência do mal radical é clara para qualquer um que não esteja cego pela corrente do relativismo. Em um nível mundial ele se expressa pela disposição de colocar-se todo o planeta em risco [de guerra] nuclear. [...] Em um nível individual o mal radical se expressa nas ações de incomensurável crueldade. O mais próximo que nós chegamos da realidade do mal é a nossa experiência direta do mal em nós mesmos e nos outros. [...] Eu tenho consistentemente definido o mal em duas categorias. A primeira é o mal passivo, o sofrimento que os seres sencientes experimentam. O sofrimento é a consciência do medo, do terror, da agonia, da depressão ou qualquer desespero acompanhado de dor ou da memória da dor. O segundo é o mal ativo, a predisposição de um ser senciente infligir o sofrimento a outro ser senciente. Tradicionalmente o mal tem sido categorizado em três divisões: (1) o mal metafísico, a falta de perfeição inerente a qualquer mundo criado; (2) o mal natural, o sofrimento que vem dos «atos da natureza» como o câncer ou tornados; (3) o mal moral, a predisposição deliberada em infligir sofrimento. Todos nós estamos preocupados primariamente com o mal moral, embora em certo sentido as categorias se sobreponham, pois se Deus existe, ele é responsável pelo mal natural.¹⁵

E no último livro dessa saga em busca do Diabo e aprofundamento no mal, Russell completa:

O mal é diretamente experienciado e diretamente intuído. Uma jovem mulher é espancada; um homem velho é assaltado; uma criança é estuprada; um terrorista explode um avião de passageiros no ar; uma nação [em guerra] bombardeia civis. [...] Não se faz cálculos abstratos de filosofia ética quando vemos uma criança sendo espancada. No nível mais fundamental, o mal não é abstrato. Ele é real e tangível.¹⁶



15 Jeffrey Burton Russell. *Mephistopheles: The Devil in the Modern World*. Cornell University Press, 1996.

16 Jeffrey Burton Russell. *The Prince of Darkness: Radical Evil and the Power of Good in History*. Cornell University Press, 1998.



Quando Fontenelle afirmou que a Entidade Máxima do Mal, denominado por ele Maioral, título dado ao Diabo pelos padres inquisidores no Séc. XVI, é o comandante dos Exus na Quimbanda, elegendo a iconografia diabólica de Baphomet como ídolo devocional do culto, o que ele fez foi, além associar toda herança da demonologia e bruxaria europeia a estrutura da Quimbanda, transformando-a em um culto de bruxaria brasileira, com um sistema de diabolismo prático, mas também conectou definitivamente a Quimbanda ao exercício sacerdotal do mal: a arte de infligir dor e sofrimento através das artes negras de feitiçaria, a prática da magia negra: demandas, amarrações etc.

Como exercício de magia negra, de feitiçaria para fins de vingança e ajustamento de contas, a Quimbanda não estava destinada a neófitos, porque seu exercício não é o do treinamento espiritual, mas da arte da guerra.

É interessante que Fontenelle segue a risca a cartilha da teodiceia cristã, trazendo o debate teológico acerca do Diabo atrelado a manifestação de Exu. O debate que se estabeleceu na teologia, filosofia e história sobre o Diabo, avalia quatro possibilidades: i. o Diabo é um princípio independente de Deus; ii. o Diabo é um aspecto de Deus; iii. o Diabo é uma entidade criada por Deus, um anjo caído; iv. o Diabo é um símbolo do mal que existe em todos nós.¹⁷

17 Como Legião, o Diabo é isso e muito mais, um amalgama de símbolos antigos e divindades primitivas.

Fontenelle escolhe fazer do Diabo um anjo caído que, redimido, trabalha para Deus (através da intervenção dos òrìsà), punindo os pecadores; isso está em acordo com interpretações teológicas tradicionais inspiradas no judaísmo do Velho Testamento onde o Diabo, personificação do mal, é um punidor divino que trabalha para Deus.¹⁸ No Êxodo (12:23), quando Deus pune os primogênitos egípcios, é mal'ak como o destruidor que executa o trabalho.

Essa seção, finalmente, clareia a Quimbanda como ofício do mal, o trabalho feito, a demanda e o despacho para destruição ou reparação, seja ela amorosa, financeira ou ética; sua conexão com a demonologia europeia e a bruxaria através do pontapé inicial dado por Fontenelle. Sem dúvidas alguma que a Quimbanda não é só isso, mas dissertar sobre essa questão está fora dos propósitos desse texto introdutório. Nós seguiremos para uma história concisa da magia nos próximos números, o desenvolvimento das artes notórias dos grimórios e sua inserção na Quimbanda para elucidar o seu papel no moderno renascer da magia.

É uma missão da família de Quimbanda Cova de Cipriano Feiticeiro clarear tudo isso, demonstrando quem ou o que, de verdade, é a Quimbanda no Ocultismo brasileiro.

{ Táta Nganga Kamuxinzela
 Mestre de Quimbanda Nàgô e Quimbanda Mussurumin
 Cova de Cipriano Feiticeiro }

18 O mal'ak Yahweh, um espírito enviado por Deus ou a própria manifestação de Deus aos homens. No judaísmo do Antigo Testamento a evolução do conceito ou ideia de mal'ak Yahweh alimentou também a ideia de Diabo entre os israelitas. Veja Jeffrey Burton Russell. O Diabo: As Percepções do Mal da Antiguidade ao Cristianismo Primitivo. Editora Campos, 1991.

Ⓞ Pacto com o Diabo

& A MAGIA CERIMONIAL EUROPEIA NA TRADIÇÃO DE QUIMBANDA

PARTE. III. O CALDEIRÃO MÁGICO DA TRADIÇÃO CIPRIÂNICA DA MAGIA

Para compreendermos efetivamente a tradição cipriânica da magia, devemos sondar as entranhas da Antiguidade, suas raízes! Essa busca, por outro lado, esclarece o pano de fundo da magia dos grimórios e demonstra que o exercício da goécia é um estilo de vida que contém a herança genuína da tradição da magia.¹

A goécia medieval, especificamente, é um relicário que guarda o verdadeiro arcano da magia que, se bem fosse compreendido e assimilado por uma legião de ocultistas, poderia restaurar completamente a Tradição Ocidental de Mistérios.

O berço da tradição cipriânica da magia é o Séc. IV d.C., quando nasce a história da vida de São Cipriano e Justina. O caldeirão religioso do Séc. IV d.C. herda a tradição hermética de pseudo-Thoth/Hermes do Séc. I d.C.; a magia dos Oráculos Caldeus de Juliano, o Teurgo, filho de Juliano, o Caldeu e a magia dos Papiros Mágicos Gregos no Séc. II d.C.; a magia copta dos egípcios e a teurgia de Jâmblico no baixo platonismo do Séc. IV d.C. O baixo platonismo, por sua vez, traz a herança dos cultos órficos e da tradição pitagórica.

Nesse caldeirão ainda inclui-se a tradição cristã que, gradativamente, começou a

¹ Quer dizer, o conhecimento e conversação com o espírito tutelar que tenho demonstrado desde a publicação de meus livros, *Corrente 93* e *Daemonium* (Vol. 1).



amputar a tradição da magia, proibindo a visão animada do universo, quer dizer, o animismo e suas práticas de comunicação com espíritos (i.e. goécia) na forma de cultos a rios, árvores, pedras, mortos, etc. Seja como for, a parte da ortodoxia cristã estabelecida, nasceram diversas formas de cultos mágicos cristãos, onde o cristianismo mesclou-se com tradições pagãs diversas. No período colonial brasileiro, por exemplo, testemunhamos um fervilhar de tradições crioulas de feitiçaria cristã.

O que pouco tem sido compreendido acerca dos grimórios medievais é a consistência da cosmovisão cristã neoplatônica que lhes dá estrutura, o que por si, já é uma demonstração efetiva da congruência entre cristianismo e paganismo, típica da magia hermética dos papiros, a principal fonte de

influência dos grimórios tardios. Com isso, a influência cristã neoplatônica nos grimórios não é um romantismo renascentista, como alguns têm proposto.

O cristianismo já estava amplamente entranhado na magia pagã dos papiros. Os grimórios salomônicos preferiram eleger a linguagem mística dos judeus, mas mantiveram uma cosmovisão neoplatônica cristã, enquanto propunham uma prática mágica essencialmente grega.

No fim do Séc. IV d.C. o que temos é um fervilhante caldeirão de tradições mágicas de todas as partes da cultura mediterrânea que sedimentou a Tradição Hermética de Mistérios. A magia de São Cipriano nasceu nesse

caldeirão, como um encantamento da varinha mágica do deus Hermes. Por isso, São Cipriano tornou-se o arquétipo do mago hermético dos primeiros séculos da era cristã.

Na tentativa de resgatar as raízes antigas da síntese hermética da magia, muitos grupos pagãos modernos como wiccanos, thelemitas e luciferianos propõem reconstrucionismos que têm pouco das tradições que alimentaram essa síntese da magia antiga ou, até mesmo, estão muito longe delas.

Por exemplo, a reconstrução de Michael W. Ford acerca da magia babilônica

é, provavelmente, uma das paródias mais ridículas da história da magia. Ele se baseia em uma fonte jeovista moderna, onde Marduk é considerado o rei dos deuses. No entanto, a proeminência de Marduk nessa posição é de um período bem anterior à síntese hermética da tradição de mistérios.

Nos primeiros séculos da era cristã, o deus que agora ocupava essa posição era Zervan, enquanto que Marduk havia sido reduzido a uma deidade planetária. A interação cultural entre babilônios e caldeus, nesse período, emprestou a Zervan atributos de Ahura-Mazda, transformando-o em uma deidade suprema, típica das muitas que havia naquele período, entre elas Jeová. Tudo isso se refletia no cânone mágico da Tradição Hermética, os papiros, onde ritos e feitiços convocavam Jeová e Sabaoth ao lado de Rá, Ísis, Osíris e Hermes. Nesse período da história da magia, muitos deuses competiam ao posto de Deus Supremo e, essa corrida pelo trono, era diretamente refletida nos feitiços e rituais da época. Jake Stratton-Kent faz um resumo dessa corrida e sua influência até os grimórios medievais:

Babilônia (como uma cidade muito antiga) envolve uma série de períodos e reavivamentos; sua religião, claro, era altamente astrológica e seu sacerdócio durou muito tempo e foi influente. As ideias desse sacerdócio evoluíram com o tempo e formaram alianças intelectuais. Assim, naturalmente as ideias sobre os deuses e a base oculta do universo mudaram com o tempo, embora as fases anteriores continuassem a se alimentar e a ser reinterpretadas para se adequarem a concepções posteriores.

[...] À Babilônia foi obviamente conquistada pela Pérsia, cuja religião era o zoroastrismo – do profeta que estava associado com magia na mente grega. Uma seita persa (mais corretamente mediana) conhecida como os Magoi – que provavelmente antecederam Zoroastro – formou outro sacerdócio poderoso. Assim que os sacerdotes e as ideias persas e babilônicas colidiram uns com os outros, todo tipo de complexidade e confusão entraram em cena. O deus do pensamento astrológico caldeu naquele período era Zervan, um deus do tempo superior aos antigos deuses planetários. Nesse papel, ele era candidato ao Supremo Deus no fermento cultural da época. Além disso, a interação do pensamento persa e caldeu inspirou uma «heresia» zoroastriana



em que Zervan, ao invés de Ahura Mazda, era supremo.

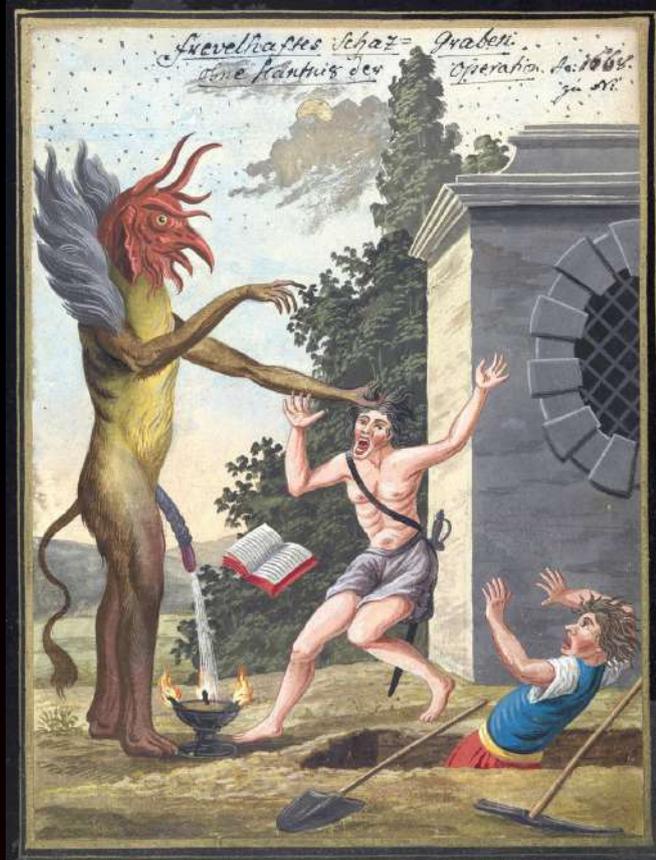
[...] Há pelo menos duas versões de Zervan, uma das quais tem atributos de Ahura Mazda. Neste disfarce – como Ahura Mazda – Zervan está além do universo material. Esses [dois] modelos se unem ao Uno dos Platonistas e todos podem alimentar-se de Jeová desde a antiguidade tardia.

O «regular» Zervan – um deus da eternidade, mas dentro do universo criado, e não fora – ainda é uma concepção muito mais elevada de Deus do que Marduk. Neste ponto da história, Marduk é um dos deuses planetários abaixo dessas ideias superiores em qualquer que seja o disfarce. Esses deuses planetários obviamente alimentam nossos anjos e demônios, mas também uma teologia solar ou solunar que alimenta a síntese que era distinta da teologia astrológica fatalista mais comum. Ambas as tendências podem ser detectadas dentro do hermetismo, mas a existência deste último é frequentemente subutilizada. A teologia mais positiva pode se relacionar com a competição anterior entre Júpiter e o Sol em cultos regionais, bem como o «positivismo egípcio». Naturalmente, o antigo deus superior dessas teologias planetárias e solares mais primitivas também alimentou ideias sobre Deus e seu Filho/Demiurgo/Logos. Portanto, os pagãos podem afirmar – os cristãos negam – que Zeus era outro nome da divindade suprema; enquanto Jesus, Miguel e Apolo tiveram papéis semelhantes em várias cosmologias.

Assim, as ideias de um Deus Supremo podem se basear em uma variedade de modelos quando entram no pensamento ocidental. Isso obviamente inclui os grimórios que se baseiam na síntese de religiões e magias que ocorrem na Antiguidade tardia. Na época dos grimórios podemos chamá-los de Jeová, mas como ele é entendido – e como a magia funciona – pode se parecer com as formas neoplatônica, zoroastriana ou caldeia, ou uma combinação.

[...] Também é relevante que Kronos precede a Chronos etimologicamente, um Zervan caldeu é mais propenso a ter influenciado um deus grego do que a língua grega influenciando um persa. Este pode ser um ponto adequado para mencionar a equivalência de Zervan com outra figura, talvez mais familiar, a chamada divindade gnóstica Aion. Como o deus supremo no Mitraísmo, podemos interpretar seu modelo como zervanista, não tendo divindade transcendental superior em linhas platônicas ou zoroastriana.

Toda a fórmula mágica típica deste caldeirão cultural da Antiguidade tardia no Mediterrâneo possui um ingrediente fundamental: a tradição de magia e filosofia dos caldeus, que influenciou profundamente a era imperial dos primeiros séculos, principalmente os estoicos e os neoplatônicos. Jâmblico





(245-325 d.C), um sacerdote sírio profundamente influenciado pelos Oráculos Caldeus, foi, sem sombra de dúvidas, a maior influência mágica de seu tempo até os grimórios da Idade Média e a tradição cipriânica da magia herda dele muitos elementos.

A influência teúrgica dos sírios, egípcios e do neoplatonismo hermético e cristão é profunda na magia ritual dos grimórios medievais e isso tem sido deixado de lado por muitos dos ditos eruditos e estudiosos modernos. O aspecto central da profunda influência neoplatônica cristã nos grimórios, reside na classificação da hierarquia espiritual que eles apresentam, principalmente nos chefes, reis e comandantes dos espíritos, bem como, o extenso arco de milícia celeste. No fim, o que vimos nos grimórios, anjos associados a decanatos e numa extensa classificação espiritual diabólica é um produto de vários ingredientes jogados dentro do caldeirão da magia na Antiguidade tardia.

A história de São Cipriano, os Papiros Mágicos Gregos, os Oráculos Caldeus, a teurgia de Jâmblico e o Testamento de Salomão, que inaugura a magia tradicional salomônica, eram contemporâneos e estavam presentes na primeira grande síntese da magia da Tradição Hermética de Mistérios.

Tradição Cipriânica da Magia & sua Influência na feitiçaria Brasileira

Não há dúvida de que existem os espíritos Bons e Maus; e que estão em relacionamento com os homens; não há dúvida de que os ditos espíritos estão dotados de uma inteligência

*soberana, posto que a própria religião lhes dá o poder de tentar-nos, de induzirmos ao bem e ao mal; logo, se por meio da Magia pode o homem pôr-se em relação com estes espíritos, esse homem logrará alcançar a suprema sabedoria.*³

Toda a tradição cipriânica da magia foi composta a partir de um eixo fantasmagórico, como um fantasma ou miragem projetado pela imaginação de apologistas cristãos que escreviam panfletos contra a feitiçaria e o paganismo na Antiguidade tardia. Nunca existiu, de fato, um São Cipriano que tivera sido bispo de Antioquia,⁴ um mártir e santo que houvera se relacionado com o Diabo e se convertido ao cristianismo que - com seu misticismo simplificado - deteve o poder dos demônios apenas com preces e o símbolo da cruz. O autor deste mito, que aparece pela primeira vez em A Confissão de São Cipriano no Séc. IV d.C., pretendia demonstrar que a magia e o tráfego com demônios (espíritos | daimones) não tinha poder, tampouco, era superior a fé cristã.

No entanto, o tiro saiu pela culatra e o mito de São Cipriano e seu livro cresceu e fomentou aquilo que ele jamais desejaria: o poder intrínseco nos manuais de feitiçaria e o comércio com espíritos que, quando tratados corretamente,⁵ proveriam ao mago toda sorte de riqueza, bonança, afeto, sabedoria oculta e a deificação (ou salvação) da alma.



O mito de São Cipriano começou a ser desenvolvido a partir de três fontes distintas: A primeira, A Confissão de São Cipriano, conta a história de um feiticeiro pagão, iniciado nos cultos de mistérios de Mítras e Ceres na Antiguidade, nas escolas de magia da Caldeia e Egito, que se tornou adepto do culto do dragão e desde a infância fora consagrado ao culto de Apolo. Na Antiguidade, muito valor era conferido a sábios como Pitágoras (570-495 a.C.) e Apolônio de Tiana (15-100 d.C.)

3 Jonas Sufurino em O Livro de São Cipriano: o Tesouro do Feiticeiro; veja Thesaurus Magicus, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores. É interessante notar que a visão aqui transmitida por Jonas Sufurino acerca da relação do homem com os espíritos seja àquela que a Igreja Católica adotou inspirada em Porfírio de Tiro, de que os espíritos influenciam os homens e que os homens influenciam os espíritos. Veja meu artigo, A Demonologia de Porfírio de Tiro.

4 Frater Acher em seu livro Cyprian of Antioch trabalha com a tese de que São Cipriano pode ter vivido na legião dos vivos. Ele traça uma ampla pesquisa por pistas e provas que comprovem essa tese. Mas ele acaba por concordar que mesmo com tais provas a mão, ainda sim, não é possível saber se São Cipriano viveu ou não entre os vivos.

5 Essa é uma derivação direta do pensamento de Porfírio de Tiro. Em sua demonologia, ele demonstra que dependendo de como são tratados os espíritos (daimones), eles podem fazer bem ou mal aos humanos. Essa concepção sobrevive até hoje nas tendas de algumas tradições de cabalá crioula. Veja meu artigo, A Demonologia de Porfírio de Tiro.



dentre outros que empreendiam jornadas espirituais de estudo e vivência a centros religiosos e de iniciação nos mistérios, como Egito, Caldeia e Babilônia.

Esses sábios, em algum momento de sua jornada espiritual, encontravam o segredo ou arcano secreto da magia, coroando seu processo de iniciação. Para criar seu personagem, o autor de *A Confissão de São Cipriano* usou essa ideia para tecer a jornada espiritual do feiticeiro Cipriano. Após estudar e tornar-se um grande mago, digno de ser comparado a Moisés e Salomão, segundo seus feitos e proezas, Cipriano teria convocado demônios na intenção de seduzir e fazer cair uma jovem cristã, Justina. Ela, no entanto, por meio de preces

e o sinal da cruz, fez os demônios que Cipriano teria lhe enviado desistirem. Diante de sua falha magística, perante os métodos simples do cristianismo, Cipriano se convertera ao cristianismo.⁶

As outras duas fontes, escritas como complementos à história narrada em *A Confissão de São Cipriano*, parecem terem sido tecidas pelo mesmo autor, uma para ser lida antes de *A Confissão de São Cipriano*, a outra para ser lida depois. A segunda fonte é *A Conversão de São Cipriano*, que narra a conversão de Justina ao cristianismo.

Entre os cristãos da ecclesia que Justina participava, um despertou interesse por ela. Para facilitar seus enlances de paixão, ele procura o feiticeiro Cipriano e lhe paga para fazê-la cair em paixão por meios mágicos. Para tal, Cipriano convoca três demônios, os quais visitam Justina e caem de joelhos pelas preces e sinal da cruz feitos por ela. Após tentar e falhar conquistar Justina magicamente, Cipriano converte-se ao cristianismo e torna-se bispo de Antioquia.

6 Nós vemos este mesmo padrão Fáustico na história de Simão o Mago. Como um feiticeiro que necessitava de toda tecnologia da magia para realizar sua arte, ou seja, círculo mágico, armas mágicas, sacrifícios, etc., Simão teria se encantado pelos milagres que Felipe e Pedro podiam fazer apenas com o poder da palavra. Para adquirir este poder ele converte-se ao cristianismo e foi batizado. Veja a Lição 2 do Curso de Filosofia Oculta. Este padrão Fáustico também é encontrado na tradição da magia popular ibérica, que arrasta através dos tempos admiração por um frade dominicano, Gilles de Santarem (1185-1265). Conhecido como Frei Gil, ele renunciou a Deus ao fazer um pacto com o Diabo. Mas ao apelar a Virgem Maria (evocando a história de Teófilo de Adana mencionada nas seções anteriores), rompeu o pacto com o Diabo e se converteu. Então essa lenda Fáustica do feiticeiro que se converte é culturalmente conhecida e espalhada na Península Ibérica, onde se desenvolveu uma das tradições cipriânicas da magia.

A terceira fonte, O Martírio de São Cipriano, narra à morte de Cipriano e Justina, trazidos à cidade de Damasco onde foram torturados e lançados no piche quente. Ao se manterem vivos após a tortura e queimaduras, ambos são enviados a cidade de Dicomédia, onde são decapitados. A trama de São Cipriano vem dessas três fontes e foi uma iniciativa para demonizar a magia e os cultos pagãos.

O roteiro que seguiram foi este: primeiro era necessário criar o personagem de um grande mago, capaz de fazer feitos como os de Moisés, Salomão e Simão, o Mago. Esse mago precisava ter sido iniciado nos principais cultos de mistérios da Antiguidade, conhecedor dos arcanos da magia segundo os egípcios, caldeus e babilônios. Após apresentarem este mago poderoso e sua jornada espiritual, seguiam acusando-o de tráfego com o Diabo, impelido por seus instintos mais grotescos. Vê-se, portanto, o pano de fundo difamatório da história de São Cipriano.

Todas as edições populares de O Livro de São Cipriano trazem resumos destas três fontes ou textos independentes baseados nelas, sempre com acréscimos, como o Arrependimento e Virtudes de São Cipriano, em O Grande Livro de São Cipriano (Livraria Econômica) ou A Vida de São Cipriano em O Livro de São Cipriano: o Tesouro do Feiticeiro de Jonas Sufurino.⁷

De modo geral existem duas tradições cipriânicas independentes: a tradição ibérica composta das publicações do livro de São Cipriano em Portugal e Espanha e a tradição escandinava, composta das edições do norte da Europa, principalmente na Escandinávia e Noruega.

De acordo com crenças populares, acerca da magia e dos praticantes de magia, nas fases preliminares de seu treinamento mágico eles aprendem a arte notória através de livros e escolas iniciáticas. No fim da Idade Média algumas cidades da Península Ibérica eram muito famosas por receberem uma grande massa de estudantes de magia e de possuírem escolas de instrução mágica como Salamanca e Toledo.

Essa região foi muito celebrada na Idade Média como centro de estudos e formação de magos, por um único motivo: a convergência de três culturas mágico-religiosas: cristã, árabe e judia. Foi essa convergência que produziu muitos manuscritos latinos de magia via Península Ibérica, que apresentou ao mundo traduções do corpus científico e mágico árabe e judeu.

7 Esses são textos considerados heterodoxos, pois não fazem parte do cânone cipriânico conhecido e baseado nas três fontes acima citadas.

influência da magia dos papiros gregos e da magia salomônica na tradição cipriânica ibérica. Como nós temos estudado, a magia cipriânica se adapta a cultura espiritual dos locais em que chega. Ao ser trazida ao Brasil, na época da Inquisição em Portugal, por feiticeiras exiladas, a magia cipriânica se adaptou a tradição do catimbó nordestino.

A Oração da Cabra Preta, por exemplo, encontrada nas edições brasileiras de O Livro de São Cipriano, nasce de uma concepção popular de diabolismo, típica do período colonial, quando a Igreja Católica exilou no Brasil as feiticeiras ibéricas.

Com o tempo, a magia de São Cipriano começou a influenciar as tendas de diversas tradições de feitiçaria afro-brasileira em nossa terra, principalmente a Cabula e a Macumba, assim como suas derivadas diretas, a Umbanda e a Quimbanda. É possível encontrar uma sincronia singular entre os feitiços de São Cipriano e àqueles formulados na Quimbanda Nãgô. O sacerdote de Quimbanda Nãgô, Zelawapanzu do Templo de Quimbanda Cova de Tiriri (São Paulo), faz um interessante relato:

A feitiçaria advinda de São Cipriano está entremeada na macumba brasileira, seja pela Quimbanda ou pela Umbanda, alguma parte dos escritos do Livro de São Cipriano escapam como fórmulas mágicas dentro dos terreiros.

Lembro-me de ser recomendado pelo Baiano Zé do Coco que trabalhava com minha tia a fazer a oração do Justo Juiz juntamente com um Coco Seco, passando pelo corpo da pessoa para casos de perseguições espirituais ou quando as coisas não estavam boas.

A oração de São Marcos e São Manso era recomendada pelos Exus para que um desafeto recebesse o que ele merecia, da melhor forma.

Além de Exus recomendando usar a oração do Credo escrita em um papel dentro do sapato esquerdo e andar com isso tempo todo. Ainda mais a frente, tive contato com um Exu Morcego que pedia para recitar a oração do Credo de trás para frente para que alguém recebesse a paga de sua própria maldade.

Eu não consigo definir os limites se isso foi incluído pelas entidades que sabiam dessas práticas de feitiçaria ou se elas aprenderam juntamente ao próprio Livro de São Cipriano, mas uma coisa é fato: O Livro de São Cipriano é tão presente na macumba que dá origem até a Linha dos Pretos-Velhos sendo regida pelo próprio Santo, conhecida como a Linha da Magia.⁹

Por volta de 1904 temos um interessante relato de João do Rio, jornalista e cronista, que empreendeu uma pesquisa antropológica e sociológica sobre as diversas religiões presentes no Rio de Janeiro, no início da década de 1900. Ele

9 Douglas Rainho (Zelawapanzo), sacerdote que Quimbanda Nãgô e Pai de Santo da Umbanda (Tenda de Jorge), idealizador do Podcast Papo na Encruza, em comunicação pessoal com o presente autor.

diz:

Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros, é que a base, o fundo de toda a sua ciência é o Livro de São Cipriano. Os maiores alufás, os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do Livro de São Cipriano. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais os negros soletram o Livro de São Cipriano, à luz dos candeeiros.¹⁰



Essa passagem acima de João do Rio é citada por Humberto Maggi, ocultista brasileiro, autor e iniciado na Quimbanda, em seu artigo O Livro de São Cipriano e a Quimbanda, acrescentando:

Para falar da necromancia ibérica que ajudou a moldar a Quimbanda, vamos usar o Livro de São Cipriano, e isso por duas razões. Primeiro, o Livro de São Cipriano coletou uma grande quantidade de receitas de magia popular, onde podemos discernir muitos dos conceitos necromânticos que foram trazidos para o Brasil; segundo, como atestou João do Rio em 1904, o Livro de São Cipriano foi amplamente utilizado pelos praticantes dos diversos sincretismos europeu-africanos que ajudariam a criar a Quimbanda. [...] A influência do Livro de São Cipriano permanece forte, como podemos ver hoje em dia várias versões e edições diferentes à venda nas mesmas lojas onde encontramos os implementos para as práticas de Quimbanda; é um trabalho que deve ser sempre reconhecido de uma maneira ou de outra pelos praticantes.

Os conceitos necromânticos que encontramos no Livro de São Cipriano são fundamentalmente católicos, mas também se desviam da ortodoxia em três pontos importantes. Primeiro, as almas no Purgatório não são limitadas em suas ações e podem ser invocadas para fins práticos; segundo, algumas almas especiais dos condenados não estão confinadas no inferno, mas também podem ser invocadas, como Maria de Padilha, que aparece em cinco feitiços do livro; e em terceiro lugar, temos algumas menções a

«maus espíritos batizados» que podem ser interpretadas como se referindo a espíritos e fantasmas humanos inferiores, que podem prejudicar as pessoas, juntamente com os «demônios excomungados» com os quais estão associados.

[...] A adoção dessas categorias de espíritos para a feitiçaria resgata (ou preserva?) de certa forma as práticas daimônicas da antiguidade: as almas no Purgatório representam os mortos sem descanso antigos, e espíritos superiores como Maria de Padilha (e até São Cipriano de certa maneira) representam os daimones maiores ou os heróis a quem os magos e teurgistas faziam petições. E Lúcifer aparece como o grande senhor dos demônios e dos mortos no Inferno (muitas vezes chamado de «Hades» no Novo Testamento), prefigurando sua futura posição na Quimbanda; os feitiços do Livro de São Cipriano também aproximam Maria de Padilha e Lúcifer, e aqui podemos talvez encontrar o motivo de sua futura associação como casal na Quimbanda.

A aliança dos mortos com os demônios e sua capacidade de deixar o inferno e afetar os vivos, a ideia de que alguns dos mortos estão em posições de destaque na hierarquia infernal e o conceito de que as almas do purgatório podem ser usadas para feitiçaria foram elementos-chave no desenvolvimento do Quimbanda, e também podemos suspeitar da influência direta do Livro de São Cipriano em algumas práticas, como a maneira como o balé é usado por algumas pessoas hoje. A necromancia do livro, por exemplo, atesta que espíritos podem ser cooptados no cemitério para ajudar o feiticeiro [...].¹¹

E em seu artigo sobre a Bruxa de Évora, Humberto Maggi acrescenta:

O Livro de São Cipriano menciona dois personagens que posteriormente viriam a fazer parte da Quimbanda; Maria Padilha aparece em cinco feitiços deste livro, e é hoje uma das suas entidades mais importantes. Feitiços com Maria Padilha aparecem nas confissões de bruxas portuguesas exiladas pela Inquisição para o Brasil, nos tempos da colônia, mas a Bruxa de Évora só fez sua passagem do Mito à Magia graças à popularização dos Livros de São Cipriano vendidos e publicados no Brasil. A Pombagira Bruxa de Évora tem se tornado popular; este me parece ser um fenômeno recente, pois não encontrei menção a ela (até o momento) na literatura de Umbanda e Quimbanda das primeiras sete décadas do século XX.¹²



É interessante notar que José Leitão, em sua tradução e comentários sobre

¹¹ Artigo disponível em: <https://www.espelhodecirce.com.br/post/o-livro-de-s%C3%A3o-cipriano-e-a-quimbanda>.

¹² Artigo disponível em <https://www.espelhodecirce.com.br/post/as-bruxas-de-%C3%A9vora>.

O Livro de São Cipriano: o Tesouro do Feiticeiro, atribuído a Jonas Sufurino, diz que a Quimbanda se trata de uma tradição de feitiçaria que cristalizou ou materializou em terras brasileiras a antiga corrente mágica portuguesa das Bruxas de Évora. Ele diz:

[...] A Bruxa [de Évora] se juntou as legiões de Pombagiras e agora pode ser trabalhada como Pombagira Bruxa de Évora. [...] Alternativamente, em relação a essa Pombagira, se nós analisarmos os anais da Inquisição Portuguesa do Séc. XVI, podemos averiguar



que a grande maioria dos processos de bruxaria se originam precisamente de Évora (naquele período a maior cidade portuguesa depois de Lisboa), no qual Francisco Bittencourt nos apresenta 24 casos de Lisboa, 9 casos de Coimbra e 61 dessa cidade (totalizando uma quantidade de 65% dos casos). Esse número por si mesmo parece ser o suficiente para sugerir uma vívida e notável atmosfera mágica existindo em Évora no fim da Idade Média e início da Renascença. E se nós analisarmos as penalidades aplicadas a essas praticantes veremos que a maioria delas foram degredadas (24 dos 61 casos de Évora; 3 banimentos apenas em Lisboa e nenhum em Coimbra). Então se torna claro que a grande maioria das bruxas transferidas de Portugal para o Brasil e África eram precisamente Bruxas de Évora.

Pombagiras e Exus são espíritos conhecidos como páreas e forasteiros, espíritos da marginalidade, e a existência de Pombagira Bruxa de Évora sugere que a Quimbanda é a cristalização dessa corrente

mágica portuguesa, a corrente das degredadas Bruxas de Évora.

Essas são as tácitas mães portuguesas da Umbanda e da Quimbanda, velhas e cansadas como essas Pombagiras sugerem (considerando o fato da extrema sexualidade que caracteriza a maioria das Pombagiras, a aparência da Pombagira Bruxa de Évora na imagem de uma mulher decrépita, é de fato estranho), e cheias de sangue mouro, mestras de São Cipriano, o Rei da Magia.¹³

Nicholaj de Mattos Frisvold, iniciado de Quimbanda e autor de diversos livros sobre feitiçaria, ocultismo e Quimbanda, diz:

Em várias vertentes de Quimbanda nós temos alguns santos de importância e um deles é São Cipriano. Este legado é evidente quando vemos que vários trabalhos de

13 José Leitão. The Book of St. Cyprian: the Sorcerer's Treasure. Hadean Press, 2014. Este livro de José Leitão é uma das melhores fontes de estudo acerca da influência de São Cipriano e da feitiçaria ibérica nas tradições afro-brasileiras e na formação da identidade mágica do Brasil.

Quimbanda aparentemente tiveram algum tipo de interação com os livros de Cipriano de uma forma direta ou alternada. E, na mythosophia da Quimbanda ele tem seu lugar. O conhecimento oral conta que São Cipriano foi estudante de Exu Meia Noite e é dito que foi Exu Meia Noite que recebeu os poderes de Jesus Cristo tomados por Exu Mor [também conhecido como Exu Beelzebuth] quando ele exalou seu último suspiro. [...] Na Quimbanda contemporânea São Cipriano é raramente invocado, mas seu legado ainda vive em seus muitos livros, como o gêmeo bispado do Exu Meia Noite, com um pé no inferno e o outro no céu. É uma bela imagem para São Cipriano, o bispo letrado com um casco fendido.¹⁴

Recentemente São Cipriano começou até a aparecer nos hinos sagrados do Santo Daime. Padrinho Alfredo Gregório de Melo, atual patriarca da religião do Santo Daime, filho e discípulo de Padrinho Sebastião Mota de Melo (1920-1990), que recebeu de Mestre Irineu as chaves de continuidade da doutrina do Santo Daime, diz sobre São Cipriano:

As orações de esconjuro do São Cipriano são todas usadas nos trabalhos de estrela lá no Céu do Mapiá. Elas abrem e fecham os trabalhos das desobsessões de espíritos zombeteiros e carafunxelas que atrapalham a vida do povo de Juramidam.¹⁵

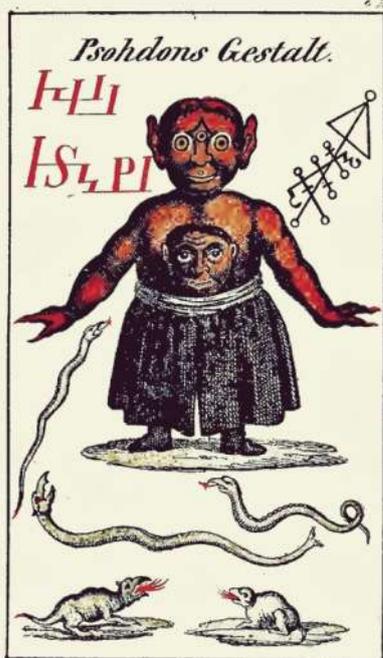


O nome de nossa família de Quimbanda, Cova de Cipriano Feiticeiro, foi inspirado no nome Cueva de São Cipriano, localizada sob a Igreja de San Cebrian construída em 1126, um local famoso na Europa onde se diz que o Diabo ensinava necromancia e as artes ocultas aos estudantes da Universidade de Salamanca - fechada no início do Séc. XVI pela Rainha Isabela, a Católica.

Em 2019 nossa família de Quimbanda, Cova de Cipriano Feiticeiro, foi fundada sob

¹⁴ Em Thesaurus Magicus, Vol. II., Prefácio. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

¹⁵ Padrinho Alfredo em conversa privada com o autor durante um trabalho de bailado na Igreja Céu das Estrelas em Juiz de Fora (MG) em 2006.



o comando de Exu Pantera Negra, através de seu médium, o Táta Nganga Kamuxinzela, que chegou a Quimbanda via a tradição cipriânica da magia.

Foi para honrar essa ponte e o Espírito de São Cipriano, a tradição mágica que ele encarna e impregna na Quimbanda, que nossa família recebe esse nome. Um volume sobre essa transição mágica e uma introdução a magia cipriânica está em preparo e muito de seu conteúdo aparecerá aqui na Revista Nganga.



Humberto Maggi em sua obra sobre São Cipriano destaca os nuances entre feitiços encontrados em O Livro de São Cipriano e algumas fórmulas mágicas do Grimorium Verum, do Hygromanteia e dos Papiros Mágicos Gregos, o que reproduzo abaixo. Qualquer Pai de Santo da Macumba ou Umbanda, ou qualquer táta-nganga de Quimbanda, notará a similaridade entre essas fórmulas mágicas e àquelas que praticamos nos dias de hoje na Quimbanda.

Feitiço para Invisibilidade¹⁶

Colha sete feijões pretos. Comece o rito em uma quarta feira, antes do nascer do sol. Tome então a cabeça de um homem morto, coloque um dos feijões na boca, dois nos olhos e dois nos ouvidos.

Faça então sobre a cabeça o sigilo de Morail.

Quando tiveres feito isso, enterre a cabeça, com a face para cima, e durante nove dias, antes do nascer do sol, regue todas as manhas com um excelente brandy. No oitavo dia tu encontrarás o espírito mencionado, que dirá a ti: o que tu queres?

Tu irás responder: eu estou regando a minha planta. Então o espírito irá dizer: dê-me a garrafa, eu desejo regar eu mesmo. Em resposta, recuse isto a ele, mesmo que ele lhe peça de novo.

Então ele irá esticar a mão e irá mostrar a mesma figura que tu desenhaste sobre a cabeça. Agora tu podes estar certo de que é o espírito certo, o espírito da cabeça.

Existe o perigo de que algum outro tente te enganar, o que teria más consequências – e neste caso a operação não teria sucesso.

Então tu podes entregar a ele a garrafa, e ele irá regar a cabeça e partir. No dia seguinte – que é o nono – quando tu retornares, irá descobrir que os feijões começaram a germinar. Tome-os e coloque-os na tua boca e olhe para ti no espelho. Se não puderes ver nada, está bem. Teste os outros da mesma maneira, ou na tua própria boca, ou na de uma criança. Aqueles que não conferirem invisibilidade devem ser reenterrados com a cabeça.

Secular magia das favas¹⁷

Matai um gato preto, enterrai-o no vosso quintal, metei-lhe uma fava em cada olho, outra sob a cauda, e duas outra cada ouvido. Depois de tudo isso feito, cobri-o de terra e vá regá-lo todas as noites, ao dar a meia noite, com muito pouca água, até que as favas, que devem ter rebentado, estejam maduras, e quando verdes que assim estão, corte-as pelo pé.

Depois de cortadas, levai-as para casa e metei uma de cada vez na boca. Quando, porém, vos parecer que estais invisíveis, é porque a fava que tendes na boca é a que tem força de magia, e assim se vos apetecer entrar em qualquer parte sem que ninguém vos veja, meta primeiro a dita fava na boca.

Isto obra por virtude oculta, sem ser necessário fazer pacto com o demônio, como fazem as bruxas.

17 Em O Grande Livro de São Cipriano, citado em Thesaurus Magicus, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

Invisibilidade¹⁸

Tome a caveira seca de um homem que tenha morrido de morte natural. Vá a um lugar secreto, inacessível e intransitável e recite estes nomes sobre a caveira:

Conceda invisibilidade, Senhor, pelos nome Theophael, Diokaides, Peridon, Enarkale, Esboiel, Apelout, Gakarkentos, para que esta obra seja efetiva.

Então tome as sementes da erva korakia. Os romanos a chamam phabenbesia, ou seja, a fava. Plante uma semente em cada olho, e coloque uma na boca. Cubra com terra e recite o seguinte:

Assim como os olhos dos mortos não veem os vivos, assim essas favas possam ter o poder da invisibilidade.

E quando os feijões derem sementes, cuide para que não percas nenhuma delas, mas tire-as [das cascas] e as mantenha todas juntas. Então, traga um espelho e coloque cada feijão na tua mão, um por um. Se não puder ver a ti mesmo no espelho, este feijão em particular tem poder. Carregue-o contigo e vás onde quiser. Ninguém poderá te ver.

18 Em Hygromanteia, citado em Thesaurus Magicus, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

Ritual com gato para muitos propósitos¹⁹

Tome um gato e o transforme em uma Esies²⁰ submergindo seu corpo na água. Enquanto o afoga, recite a fórmula em suas costas. Tome o gato e faça três lamellae²¹, uma para seu ânus, uma para [ouvido], e uma para a sua garganta, e escreva a fórmula concernente ao feito em uma folha limpa de papiro, e envolva isso ao redor do corpo do gato e o enterre.

Acenda sete lâmpadas sobre tijolos não cozidos, e faça uma oferenda. Tome o corpo e o preserve murando-o em uma tumba ou em um local de enterro.

19 Em Os Papiros Mágicos Gregos, citado em Thesaurus Magicus, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

20 Espírito assistente morto, ou seja, a alma deificada do gato através de um rito de deificação. Este rito trata-se do sacrifício ritual do animal. Veja Daemonium (Vol. 1).

21 Folhas de metal utilizadas nos feitiços dos papiros gregos.

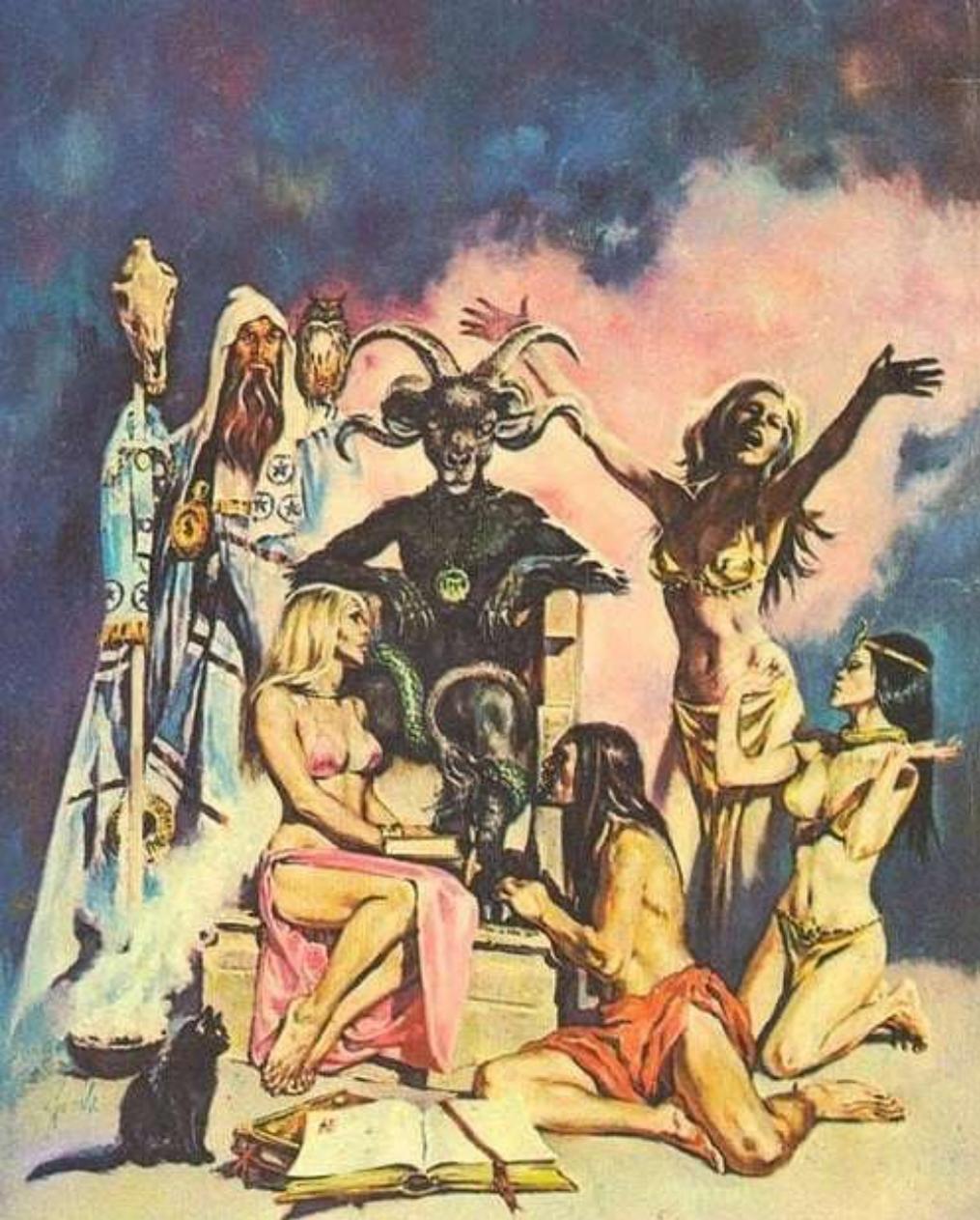


A edição-tronco das publicações espanholas é Cipriano o Temeroso de 1874, baseada completamente em grimórios tardios, como o Veritable Magie Noir, com influencia do Grimorium Verum, o Heptameron, o Arbatel e o Grand Grimoire. Essa seria a edição que muito possivelmente deu origem a versão de Jonas Sufurino, O Tesouro do Feiticeiro. Existe uma versão atribuída a São Cipriano do Heptameron, chamada de Elementos Mágicos: composta pelo Grande Cipriano o Mago.

O conteúdo desta obra não é o mesmo que o Heptameron de Pietro d'Abano, mas de um material composto com influências do Grand Grimoire. Na verdade, só o nome de São Cipriano consta no frontispício e o livro não se parece nada com os tradicionais livros de São Cipriano. Uma edição de O Livro de São Cipriano, conhecida como Cipriano, já circulava por volta de 1800 e 1885. As referências mais antigas ao O Livro de São Cipriano são encontradas nos anais da Inquisição espanhola, no fim do Séc. XVI, um período que nem o povo ou o clero sabiam da existência do livro - não com a popularidade que alcançou nos Sécs. XVIII e XIX.

Seja como for, podemos observar na tradição cipriânica ibérica uma forte influência dos principais grimórios medievais e tardios, usados livremente para compor os livros atribuídos a São Cipriano. Quando as edições dos livros de São Cipriano não eram versões completas de grimórios conhecidos, como é o caso de Cipriano o Temeroso - uma versão espanhola do Veritable Magie Noir -, os livros traziam partes de grimórios, às vezes três ou mais, como O Tesouro do Feiticeiro de Jonas Sufurino, cuja primeira parte é composta de passagens diversas do Veritable Magie Noir, mas com material adicional próprio do autor ou tradutor, que incorporou elementos diversos além do conteúdo dos grimórios, como feitiços e encantamentos, preces e orações, maldições e sortilégios, todos populares da região ibérica.





Na edição de Jonas Sufurino podemos encontrar influências diversas e ritos da tradição salomônica, da doutrina dos pactos, compromissos e alianças dos grimórios tardios, amuletos poderosos como do Dragão Vermelho e da Cabra Infernal, exorcismos, sortilégios, encantamentos e filtros. Além de um resumo da magia dos egípcios e caldeus.

Os livros ibéricos de São Cipriano podem ser considerados manuais populares de feitiçaria e iniciação na magia da Antiguidade e Idade Média. A tradição

cipriânica escandinava é aquela dos Livros Negros de Wittenberg, no norte da Europa. Aqui a São Cipriano são atribuídos grimórios dos Séc. XVII e XVIII que apareceram na Escandinávia e Noruega.

Esses grimórios de São Cipriano eram chamados de Livros Negros e havia um consenso de que a cidade de Wittenberg na Alemanha fosse o local de onde eles vinham. Acredita-se em uma Escola Negra de Wittenberg, de onde supostamente teriam saído esses livros.

Enquanto Fausto é considerado o grande feiticeiro da Alemanha, São Cipriano é considerado o grande feiticeiro da Escandinávia e Noruega. A tradição da magia popular escandinava celebra inúmeras ocorrências dessa Escola Negra e atribui a São Cipriano a autoria de diversos Livros Negros como Os Livros Ocultos de Moisés.

Todas as histórias atribuídas a essa Escola Negra parecem ter apenas uma

fonte: um homem na Suíça que vivia isolado na floresta e que ensinava alguns estudantes os segredos da magia. Esse homem teria em sua posse o original de O Livro de São Cipriano e dele tirava os ensinamentos que transmitia a seus alunos. Ele viveu, ao que parece, por volta do ano de 1700.

Assim como na tradição cipriânica ibérica, na Escandinávia e Noruega, o livro de São Cipriano era considerado como uma ferramenta mágica que possibilita o acesso direto ao próprio Diabo. Por meio dos manuais de feitiçaria atribuídos a São Cipriano, acreditava-se que era possível conjurar os espíritos dos mortos e as hostes infernais, encontrar tesouros e curar doenças. O mago que vivia isolado na floresta ensinando os seus alunos, assim acredita-se, detinha os mesmos poderes que São Cipriano e havia feito um trato com o Diabo. Por tamanha fama era respeitado e temido.

Foi apelidado de o homem do livro negro, porque detinha o comando de espíritos que estavam presos ou associados ao livro de São Cipriano. Quando alguém sofria algum malefício de magia negra, ele era chamado para quebrar a demanda; quando alguém adoecia, ele era procurado para administrar poções mágicas (remédios), rezas e exorcismos. Em um tempo onde não havia saneamento básico ou médicos disponíveis em hospitais, é possível inferir a importância de feiticeiros como esse nas diversas localidades da Europa.

Acreditava-se que os feiticeiros haviam feito um pacto com o Diabo e por causa disso a eles era conferido o poder e a autoridade sobre uma legião de demônios. Esses feiticeiros gozavam de prestígio, respeito e ao mesmo tempo eram temidos por todos. O caminho para se tornar um feiticeiro e possuidor do verdadeiro O Livro de São Cipriano, além dos diversos Livros Negros a ele atribuídos, era realizar uma jornada

espiritual de peregrinação até a Escola Negra de Wittenberg e lá aprender os segredos da arte negra da magia. Muitos estudantes se lançavam a essa viagem mágica e retornavam feiticeiros possuidores dos Livros Negros.

Um desses livros negros cipriânicos foi O Livro da Arte de Cipriano, descoberto no ano de 1722 na universidade de Wittenberg, escrito em pergaminho e datado do ano de 1354. Existe outro manuscrito desta obra datado de 1509. O conteúdo dos livros negros cipriânicos é distinto das edições ibéricas. Neles nós vemos preocupações que afligem o homem do campo, como a manutenção do equilíbrio entre homens e animais, caça, plantio e colheita.



Por conta disso eles são cheios de feitiços, encantamentos e consagração de talismãs e amuletos para o bem-estar: atração de mulheres, ganho de força para vencer batalhas, conseguir dinheiro, proteção contra magia negra e inimigos. Pouquíssima atenção é dada a conjuração de demônios, preces ou exorcismos demonológicos.

Existem relatos que uma ramificação dessa tradição cipriânica escandinava penetrou nos Estados Unidos através da Pensilvânia, onde reside uma grande comunidade de descendentes holandeses que praticam as artes da magia do norte da Europa: Escandinávia, Suíça, Alemanha e Noruega. Entre estes descendentes existem feiticeiros que ensinam estudantes e trabalham em função da comunidade da mesma maneira que o mago isolado na Suíça fazia por volta de 1700. Uma tradição de feitiçaria ancestral que se perpetua no tempo. Através do estudo de Karl Herr, *Hex and Spellwork*:

The *Magical Practice of the Pennsylvania Dutch*, descobrimos que essa feitiçaria é adaptada ao local e lida diretamente com entidades elementais simples como espíritos de árvores, plantas e pedras. Diferente da tradição ibérica que agregou a demonologia, a tradição escandinava foi profundamente influenciada pelo cristianismo, principalmente o evangelho de Mateus, que afirma que toda pessoa pura e de bom coração pode realizar milagres.



Altar de Feitiçaria Cipriânica, 2019. São José do Rio Preto.

Considerações Finais de um Feiticeiro Cipriânico São Cipriano e o Espírito Familiar

Cipriano deveria, em princípio, ser entendido como um guia para aquela experiência maravilhosa, quando o feiticeiro finalmente alcança o conhecimento e conversação com seu espírito patrono.²²

Deve ser entendido que esse [O Livro de São Cipriano], diferente de outros grimórios, não é uma relíquia de um distante passado mágico, ele não é um livro antigo e morto que espera para ver a luz novamente através de um devotado magista. O Livro de São Cipriano não se trata de um livro; ele não está localizado no tempo ou no espaço. Como qualquer culto, ordem ou religião viva e ativa, trata-se de um contínuo, uma corrente. Ele muda seu conteúdo porque está vivo, porque é praticado e vivido em vários contextos culturais, sociais e geográficos [...] [e] ele constantemente responde as necessidades de seus leitores. Da costa da Catalunha a Algarve, da Ibéria rural ao nordeste do Brasil, dos terreiros de Quimbanda e finalmente até as cidades, ele é em todo o sentido do termo um livro de magia popular, um livro [de magia] para o povo. [...] Ele vive a margem da sociedade, nas sombras, no limiar entre religiosidade e heresia, virtude e vício. Como o próprio Santo, ele vive naquela linha onde Deus e o Diabo se encontram. [...] Mas como um contínuo, um ponto parece ser constante em suas edições, todas trazem a narrativa fáustica.

[...] Este terceiro período [da tradição cipriânica] não pode ser separado da efervescência mágico-religiosa da atmosfera Sul-americana. Foi ali, num grande cadinho cultural de sangue branco, negro e nativo-americano que as práticas da magia cipriânica foram revitalizadas e desenvolvidas para além dos princípios da prática ibérica, afastando-se dos livros originais. Essa nova e impressionante onda de práticas parece estar fazendo seu caminho de retorno a Ibéria e Europa, seja através da imigração ou pelo incrível prestígio e reconhecimento das técnicas mágico-religiosas Sul-americanas, colorindo e revitalizando antigos cultos cipriânicos. Em teoria, devido a seu caráter altamente pragmático, estas novas práticas revitalizadas poderão no futuro uma vez mais cristalizar uma nova ortodoxia cipriânica. Contudo, devido à possibilidade de se estabelecer contato mediúnico com São Cipriano, um constante fluxo de material novo e atualizado é estabelecido, fazendo dele uma corrente viva, como uma vez o foi em um distante passado da Ibéria.²³

Não importa se São Cipriano é um mito! A legião de feiticeiros que vêm convocando sua presença como espírito tutelar e colocando em prática o conteúdo dos livros a ele atribuídos, formou uma grande tradição cipriânica da magia. Os livros de São Cipriano são regidos por um espírito, um demônio guardião ou grigori que dá acesso espiritual a tradição cipriânica. O que os feiticeiros têm feito

²² Humberto Maggi, Scientia Diabolicam. Clube de Autores, 2018.

²³ José Leitão, The Book of St. Cyprian: the Sorcerer's Treasure. Hadean Press, 2014.



é conjurar este demônio guardião da tradição cipriânica e através dele, do comércio e trato com ele, têm acessado a magia de São Cipriano. Isso tanto é verdade que, magos e feiticeiros de toda parte, desde a Antiguidade aos dias de hoje, têm fornecido manuscritos diversos dessa tradição ancestral e têm ensinado como acessá-la espiritualmente.

A conjuração deste demônio guardião está diretamente relacionada à doutrina do pacto implícito com o Diabo.

Essa ideia de pacto implícito com o Diabo é de São Tomás de Aquino (1225-1274) e ela apareceu conectada a São Cipriano a partir das edições ibéricas do Séc. XIX, onde começou a se considerar que o livro de São Cipriano, per si, possuía poderes ocultos. Os manuais de feitiçaria de São Cipriano faziam tanto sucesso porque eram acessíveis a pessoas iletradas - a grande maioria da população da Europa.

Diferente da feitiçaria dos grimórios, acessível apenas ao clero e pessoas letradas com condições financeiras suficientes para pagar por uma boa educação, a magia cipriânica era acessível a todos e não exigia tanto preparo espiritual e exorbitante soma de dinheiro. Por isso, São Cipriano teve grande apelo popular por toda Europa. Entre esse público iletrado começou a nascer a ideia de que possuir qualquer edição de São Cipriano em casa era o suficiente para transformar a pessoa em um feiticeiro. Comprar ou aceitar de presente alguma edição de O Livro de São Cipriano era aceitar fazer um pacto implícito com o Diabo.

Adquirir ou ganhar um O Livro de São Cipriano e praticar sua magia é, de fato, travar conhecimento e conversação com o demônio guardião do livro de São Cipriano. Este demônio guardião, no entanto, é o próprio São Cipriano, hoje uma alma deificada no comando de uma legião de demônios, senhor da magia e disciplinador dos mortos, protetor e sentinela contra feitiçaria de todo tipo.

Esse São Cipriano foi forjado nos planos internos pela sabedoria popular,

um feiticeiro que caminha pela mão direita e pela mão esquerda formando um eixo ou pilar do meio que une essa dualística espiritual. São Cipriano é o típico mago da Antiguidade na cultura hermética mediterrânea, seus pés cravados abaixo da terra, sua cabeça acima das nuvens. Em suas mãos ele carrega duas chaves: uma para a porta do inferno e outra para a porta do céu.

São Cipriano, pela cultura popular da magia, é amado tanto por Deus quanto pelo Diabo. Diferente da visão salomônica tradicional da magia que segue uma cosmovisão cristã estreita, onde o Diabo é forçado e imprecado pelo poder de Deus, na tradição cipriânica da magia o Diabo governa seus próprios domínios e é o senhor de sua morada.

Como Hades que governava as celas do submundo, o Diabo é o regente das regiões infernais e para ter acesso a todo esse domínio, hordas e legiões, é necessário tratar diretamente com ele. É assim que São Cipriano nos apresenta o Diabo.

Trazer para dentro de casa qualquer uma das edições de O Livro de São Cipriano, estudá-lo e praticá-lo, guardá-lo e cuidadosamente reverenciar seu poder e toda tradição mágica que ele herda, é tratar de algum modo diretamente com o espírito de São Cipriano. Esse é o pacto implícito com o Diabo que todo

feiticeiro faz quando adquire um exemplar de O Livro de São Cipriano. O diabo desta lenda popular é o demônio guardião deificado, São Cipriano que, por sua vez, tem íntima relação com o Diabo.

Por outro lado, como falei no vídeo Pacto com o Demônio do Livro de São Cipriano, possuir qualquer edição do livro de São Cipriano atrai uma miríade de espíritos, almas, zombeteiros, kumbas e demônios. Tratar com o grigori do livro de São Cipriano é ter de lidar com todas essas criaturas espirituais, travar comércio e estabelecer relação com elas, o que também está associado à ideia de pacto com o Diabo.



Como nos é apresentado em A Confissão de São Cipriano, antes de ter o seu encontro com o Diabo, Cipriano se preparou por longos anos. Desde a infância ele foi consagrado ao Culto de Apolo e iniciado no Culto do Dragão. Foi admitido nos Cultos de Mistérios da Grécia e Ásia, bem como empreendeu uma jornada visionária no Monte Olimpo; foi instruído na Arte da Magia diretamente por sacerdotes egípcios e caldeus, tendo empreendido viagens a muitos centros religiosos na Antiguidade.

Anos de treinamento serviam para que, no momento certo, o mago pudesse conjurar seu espírito assistente, o paredros dos papiros gregos. Essa era a meta da jornada empreendida por todo mago na Antiguidade. A magia sagrada de Abramelin apresenta essa ideia dentro de uma estrutura bem organizada. Mas em A Confissão de São Cipriano, o espírito que São Cipriano convoca é o próprio Diabo: Acredite em mim, depois que o apaziguei com sacrifícios, eu vi o Diabo.

[...] O recebi com alegria e conversei com ele, e fui reconhecido entre aqueles que ocupavam as posições mais importantes ao lado dele.²⁴ Como vimos acima, esse Diabo apresentado por São Cipriano é muito distinto da imagem bestial tradicional que a cristandade apresenta: Sua forma era como uma flor dourada adornada com pedras preciosas, e ele coroou sua cabeça com pedras que estavam entrelaçadas.²⁵

É interessante notar que em A Magia sagrada de Abramelin, o Mago, o Sagrado Anjo Guardião se apresenta como um homem de aparência majestosa que com grande afabilidade promete maravilhas; nos Papiros Mágicos Gregos o paredros compartilha com o mago seus poderes miraculosos.²⁶

Após convocar o Diabo, São Cipriano recebe dele inúmeros poderes, além da promessa de torná-lo um príncipe, quer dizer, uma alma deificada: Ele prometeu me fazer um príncipe depois de minha morte, e que eu teria poder e o seu apoio enquanto vivo.²⁷ Aqui reside o segredo de toda jornada de São Cipriano: o seu diabo pessoal em verdade é seu espírito assistente. A semelhança entre o Diabo apresentado em A Confissão de São Cipriano e o paredros dos Papiros Mágicos Gregos é saliente aos olhos, como estudamos no Daemonium.

O Diabo que São Cipriano nos apresenta é uma espécie de deus regente de suas próprias moradas. O paredros nos papiros gregos é apresentado como um deus [...] um espírito aéreo que você viu. Ele levará seu espírito e o carregará ao ar.²⁸ A promessa que o Diabo faz a São Cipriano é a mesma

24 São Cipriano, A Confissão de São Cipriano em Thesaurus Magicus, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

25 Idem.

26 Veja Daemonium (Vol. I).

27 São Cipriano, A Confissão de São Cipriano em Thesaurus Magicus, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

28 Papiros Mágicos Gregos, I 1-195.

promessa escatológica e soteriológica que o paredros conferia aos magos dos papiros gregos e cujo terror era passar o pós-morte no submundo. O que para o mago da Antiguidade era a salvação da alma do calabouço do submundo, na cristandade tornou-se a condenação eterna no inferno.

Por isso que magos, feiticeiros e pagãos têm levantado chacotas do posicionamento escatológico cristão, dizendo ser melhor reinar no inferno do que servir no céu. Ao terem suas almas deificadas pelo espírito assistente ou diabo pessoal, os magos têm mantido sua consciência intacta nos planos internos, participando de uma família de espíritos e auxiliando outros magos ainda na legião dos vivos no comando de uma horda de criaturas espirituais. Tal conquista demanda esforço diligente: A Magia, como todas as ciências, requer indubitavelmente condições muito especiais das pessoas que se dedicam aos seus estudos e conhecimento.

[...] Em primeiro lugar deve-se ter verdadeiro desejo e vocação, pois se não for assim é inútil que se proponha a conseguir qualquer coisa. [...] Se precisa um estudo constante das coisas naturais para poder chegar por meio de sua investigação ao verdadeiro conhecimento do sobrenatural que é o fim e o objeto das Artes Mágicas.²⁹

A salvação da alma proposta pela escatologia cristã era simplista em demasia e disponível a todos. Não era preciso se esforçar tanto como os magos faziam: bastava apenas eleger Jesus Cristo como único caminho e Senhor e imitá-lo que as portas do céu estavam abertas e o cativo do inferno suprimido. Para fazê-lo, a cristandade teve de transformar o paredros no Diabo de São Cipriano e Fausto.

Como temos estudado o pacto com o Diabo, tão difundido pelas apologias cristãs contra a tradição da magia e o paganismo, é uma herança deturpada do pacto que o mago estabelecia com seu espírito assistente, o paredros. O pacto associado ao demônio guardião do livro de São Cipriano é, o pacto que todo mago estabelece com o espírito de São Cipriano e as criaturas espirituais a ele associadas: mortos e daimones (demônios) de toda classe e categoria, ao entrarem em contato com as diversas edições existentes de O Livro de São Cipriano.

Como exploramos em Daemonium, a crença em espíritos assistentes está na tradição da magia desde os primórdios e é a gênese de muitas ideias – em grande parte deturpadas – populares como o conhecimento & conversação com o Sagrado Anjo Guardião, o pacto com diabo ou a ideia de alma gêmea. Modernamente, quando pensamos em alma gêmea, entendemos como uma

29 São Cipriano em Qualidades Essenciais para Professar as Artes Mágicas em Thesaurus Magicus, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

companhia ideal, na maioria das vezes uma companhia afetiva romântica. E muito embora o termo seja moderno, cunhado em 1822 por Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) em uma carta privada, a ideia é muito mais antiga e implica uma profunda conexão com uma criatura espiritual através de um ato mágico.

Muitas são as culturas mágico-religiosas que apresentam essa ideia da alma gêmea que acompanha as pessoas na forma de espíritos assistentes (ou familiares) diversos como animais de poder, almas dos mortos, espíritos de

pedras, árvores, tempos e zonas de poder; ou seja, servidores e espíritos conjurados para auxílio dos magos. Existem relatos de santos que se relacionavam intimamente com espíritos de montanhas, árvores, flores e animais.

Por exemplo, o espírito do beija-flor, o mensageiro da cura, é louvado em cânticos na doutrina do Santo Daime e tanto

Mestre Irineu, quanto Padrinho Sebastião, tinham uma relação profunda com esse espírito familiar. Buda manteve uma relação especial com o espírito da árvore sob a qual ele se iluminou e que, segundo contam, lhe instruiu na arte de conquistar uma mente búdica.

Nós vimos em *Daemonium* que Sócrates fora instruído em sua inquirição filosófica por um daimon. Os druidas acreditavam que os espíritos das árvores poderiam transmitir conhecimento, inspirar e amar seres humanos. Na tradição do xamanismo vermelho os espíritos das árvores são incluídos na ancestralidade das famílias, auxiliando como guias e professores na família de espíritos assistentes.



Na tradição do catimbó nordestino os mestres do além são almas desencarnadas deificadas que se apresentam como espíritos tutelares dos curadores que os convocam. A Quimbanda é uma tradição que opera principalmente através de espíritos tutelares ancestrais. E assim como o espírito assistente dos papiros gregos, o paredros, inúmeras tradições xamânicas atribuem aos espíritos familiares todo o poder de cura e a medicina particular de cada xamã.

Através das eras o homem tem travado contato com espíritos diversos, mantendo com eles uma relação harmoniosa de troca, onde sociedades e culturas inteiras são beneficiadas. O contato com os espíritos está por trás da construção da sociedade ocidental. O pacto com espíritos familiares tem beneficiado o homem em todos os campos do conhecimento humano.

Os norte-americanos, por exemplo, têm um forte senso de patriotismo. Esse amor a pátria que todos compartilham tão profundamente é a influência do espírito tutelar dos Estados Unidos, a Lady Columbia, retratada acompanhada de uma águia, carregando arco, flecha e a bandeira nacional. Lady Columbia foi imortalizada pelos norte-americanos na Estátua da Liberdade.

A palavra familiar, que usamos no termo espírito familiar, vem de *famulus*, que significa servir e era usada para especificar uma serva do lar, quer dizer, uma mulher que cuida da casa e da família com devoção e comprometimento, de onde vem a ideia moderna de dona de casa e empregada doméstica.

O interessante dessa definição é o significado que ela carrega, que diz mais acerca dos deveres assumidos por compromisso do que o posto que hoje significa. Uma palavra cognata é *doula*, que literalmente significa escrava e é

usada para descrever uma serva ou assistente doméstica que ajuda no parto de crianças. Ambas as palavras têm essa conotação de serviço devotado; essa mesma noção é conferida ao espírito familiar, tutelar ou assistente, pois ele age como uma dona de casa ou parteira devotada ao mago.

Trata-se, portanto, de



um servidor conjurado diretamente da Natureza e unido ao mago pelos laços de um contrato ou compromisso, um pacto. Essa ideia de ter um servo, seja ele um agente espiritual, um animal ou ser humano, é tão antiga quanto o próprio homem, encontrado em várias escrituras sagradas de tempos imemoriais.

A palavra doméstica, que usamos no termo empregada doméstica, está também conectada a ideia de família e a habilidade de domesticar criaturas diversas para o auxílio do lar: bois para lavrar, vacas para alimentar, cães para proteger etc. O conceito de doméstico vem da noção de trazer para ou se tornar parte da família, o que está por trás também da ideia de domínio. Todas essas ideias-chaves formam o pano de fundo da prática da goécia universal de todas as culturas mágico-espirituais, ou seja, a arte de conjurar espíritos.

No *Daemonium* (Vol. I) nós estudamos que, na goécia da magia tradicional salomônica, dois equipamentos são fundamentais: a arca de bronze e o triângulo da arte. Enquanto a arca de bronze é usada para capturar os espíritos (demônios) da Natureza, o triângulo da arte serve para conjurá-los quando já tiverem sido dominados ou domesticados pelo mago, que passa a usá-los como espíritos assistentes.

E muito embora essa lógica não apareça nos grimórios, ela é presente na arte da goécia de todos os povos. Mircea Eliade (1907-1986) diz: Uma relação de «família» é estabelecida entre o xamã e seus «espíritos». De fato, na literatura etnológica eles são conhecidos como «familiares», «assistentes», «tutelares» ou «espíritos guardiões».³⁰

Na tradição da magia muita importância é dada ao trato e a maneira correta de se comunicar com os espíritos assistentes. Perder o controle sobre um cão de guarda pode trazer muitos problemas, como ele morder outra pessoa. Da mesma maneira, quando um mago perde o controle sobre seus espíritos assistentes, seja por falta de zelo no trato com eles ou ataque mágico, ele pode ter inúmeros problemas. Por esse motivo a tradição da magia salomônica desenvolveu uma tecnologia capaz de controlá-los: o anel mágico.

No Testamento de Salomão, o Rei Salomão não perdeu somente o controle sobre os demônios ao perder o seu anel mágico, mas perdeu o próprio reino para o demônio Asmodeus. Neste texto que inaugura a tradição da magia salomônica, a sorte do Rei Salomão muda novamente quando ele encontra seu anel perdido na barriga de um peixe. São Cipriano, falando sobre a arte de evocar os mortos para fins de nigromancia, diz: Para se evocar os mortos deve se levar colocado o anel de Salomão no dedo do coração da mão direita, e depois de levar o espírito a Deus, se colocará a mão sobre a parte do coração

do cadáver e se dirá:

«Eu te conjuro, criatura que fostes e já não és, da parte dos espíritos cujos nomes leva gravado este anel mágico e imantado, que atendas a meu chamado e contestes as minhas perguntas que vou fazer-te. Pela segunda e pela terceira vez te conjuro para que teus lábios formulem as respostas que te peço, pelo poder maravilhoso deste sagrado anel, representação daquele que Salomão possuiu durante a vida». Tendo tua mão sobre o coração do cadáver, lhe perguntarás e se és digno e virtuoso, te obedecerá no ato.³¹

Essa é uma influência transparente da tradição salomônica na tradição cipriânica da magia, configurando o exercício da Arte Notória como uma prática sacerdotal. Essa conjuração de São Cipriano serve para almas recém-falecidas e trata-se de se apoderar delas como espíritos assistentes antes da ocasião do enterro do corpo.

A lenda do anel mágico do Rei Salomão se desenvolveu desde sua primeira menção em o Testamento de Salomão, ganhando camadas e mais camadas de mitos na tradição talmúdica e entre os árabes. As instruções de São Cipriano sobre o anel mágico carregam toda essa tradição enriquecida por lendas e contos dos feitos miraculosos do Rei Salomão no comando de demônios por intermédio do anel. Seja como for, as instruções de São Cipriano acima estão em acordo com o estudo anterior que fizemos sobre o anel mágico em *Daemonium* (Vol. I).

O anel é de ouro, feito e consagrado no dia do sol, porque estas são correspondências mágicas atribuídas ao trabalho com espírito assistente ou daimon pessoal, que opera sob a tutela de deuses solares e a medicina planetária do Sol. Como vimos anteriormente, o anel mágico deve carregar a assinatura astral do espírito familiar, conferindo poderes miraculosos ao mago e autoridade sobre uma miríade de criaturas espirituais. Essa tecnologia do anel mágico permaneceu na Quimbanda Nàgô, pois o controle do demônio associado ao Exu tutelar é exercido pelo próprio Exu e o kimbanda, já um táta-nganga, carrega um anel mágico com a assinatura (ponto riscado) do Exu sobre o selo do demônio.

Quando São Cipriano diz: podereis adquirir um domínio tão grande que até os reis necessitarão de tua ajuda e jamais alguém poderá lhe fazer dano de qualquer classe, convoca a ideia dos poderes conferidos ao mago pelo espírito familiar; e quando menciona que o mago terá uma inteligência clara para adquirir toda classe de conhecimentos e prosperarás em quantos trabalhos empreendas, introduz também a ideia de que através das virtudes do anel mágico é possível adquirir, por meio do espírito familiar, conhecimento e sabedoria ocultos, bem como proteção espiritual.

31 São Cipriano, Sobre a Arte de Evocar os Mortos em *Thesaurus Magicus*, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.



Entrelinhas o que São Cipriano faz é descrever a ação do espírito tutelar através do anel mágico. Tanto é assim que São Cipriano instrui em usar o anel no dedo do coração, quer dizer, o dedo anular da mão direita, aonde se diz que os espíritos familiares das bruxas se alimentam de seu sangue.³² A famosa marca da bruxa, tão perseguida pelos inquisidores medievais, se trata da marca no corpo aonde as bruxas supostamente alimentavam seus diabos pessoais.

De acordo com muitas tradições, o poder de voar se estendia aos homens na era mitológica; todos podiam alcançar os céus, seja pelas

asas de um pássaro fabuloso ou sobre as nuvens. [...] Nós observamos que poderes mágicos como estes eram atribuídos a yogis, faquires e alquimistas.³³

Nos Papiros Mágicos Gregos este poder era conferido ao paredros, o espírito assistente que *vai levar você pelo ar; ele é um espírito aéreo que você viu. [Ele é o] assistente mais poderoso e único senhor do ar. [...] Quando você estiver morto, ele envolverá seu corpo como um deus, e levará seu espírito pelo ar com ele. Pois nenhum espírito aéreo que se une a um poderoso assistente irá para o Hades, pois para ele todas as coisas estão sujeitas.³⁴*

Como temos observado, ao espírito assistente é dado todo o poder: invisibilidade, mudança de forma, trazer riquezas, mulheres, construir templos, revelador de sabedoria oculta e provedor de profecias, guia do destino,

32 Algumas fontes incluem o dedo mindinho. São Cipriano ensina a alimentar um diabrete (espírito familiar) com sangue do dedo mindinho.

33 Por alquimistas entenda rasâyana-darśana, a ciência alquímica indiana. Passagem de Mírcea Eliade, Xamanismo: Técnicas Arcaicas de Êxtase, Martins Fontes. A correção diacrônica é minha.

34 Papiros Mágicos Gregos, I 1-195.

guardião poderoso e salvador da alma humana, libertando-a do cativeiro do Hades. Todos esses poderes eram conferidos ao mago assim que efetivamente tivesse conjurado o espírito familiar. Isso, na verdade, era a coroação de um profundo, rigoroso e longo processo de aprendizado e treinamento espiritual. No xamanismo, o trabalho com diversos espíritos familiares confere ao feiticeiro (homem de medicina) tipos distintos de capacidades paranormais, associadas a seus totens.



Essa palavra, totem, nasceu na cultura do xamanismo vermelho norte-americano e se refere a uma relação espiritual íntimo-familiar com o espírito tutelar de um clã, família ou tribo, geralmente na forma de uma estátua de madeira. Nem sempre as criaturas espirituais retratadas nesses ídolos são animais; às vezes os totens trazem formas de criaturas sobrenaturais, consideradas espíritos guardiões.

No xamanismo da América Setentrional os feiticeiros e xamãs mencionam o nagual como um espírito familiar que atua tanto como um aliado (servidor) quanto como um duplo astral, ou seja, conferindo a capacidade ao mago de

metamorfosar-se: Um aliado, [diz Don Juan], é a [fonte do] poder que pode ajudar o homem, aconselhá-lo e dotá-lo de força para agir, grande ou pequeno, certo ou errado. Esse aliado é necessário para empoderar a vida do homem, guiar suas ações, dá-lo conhecimento.

De fato, o aliado é a ferramenta indispensável do conhecer. [...] O aliado fará você ver e entender coisas sobre as quais nenhum ser humano poderá lhe dizer. O Aliado muda de forma e o homem muda de forma com ele³⁵. Acessar o nagual³⁶

35 Carlos Castañeda, Ensinamentos de Don Juan.

36 É difícil traçar as origens da palavra nagual. Os acadêmicos costumam traduzi-la como feiticeiro ou feitiçaria, o que tem criado bastante obscurantismo. Ela já aparece no Códice Borgia, um texto mexicano pré-colonização espanhola para trabalhos de divinação. No xamanismo da América Setentrional a palavra nagual está associada a um meio pelo qual se obtém conhecimento. Ela é sempre acompanhada de outra expressão, o tonal, a contra parte do nagual ou a alma humana pelo qual nagual se atraiu. Como um espírito assistente, o nagual ainda é a conexão entre

de alguém, trata-se de acessar a fonte por trás de sua vida.

A capacidade de metamorfosear-se astralmente pelos feiticeiros é atestada por inúmeros relatos de experiência xamânica visionária e transe mediúnico em tendas de matriz afro-brasileira. Os animais de poder do feiticeiro, seus espíritos assistentes, circulam livremente no seu veículo pneumático, transformando sua forma astral. Mas, de todos os poderes atribuídos ao espírito assistente do mago, os quais ele compartilha, seja transmissão de sabedoria oculta, vidência ou força sobre-humana³⁷, o mais desejado é o poder de deificação da alma. Como vimos em *Damonium* (Vol. I), o mago ou homem da Antiguidade não desejava passar seu pós-vida no Hades, o submundo. Esse era um duro castigo a alma, repudiado por todos nas culturas do Mediterrâneo, mas somente alguns tinham condições de escapular deste destino: os magos.

O conhecimento e conversação com o espírito assistente poderia livrar o mago do terrível destino do Hades, deificando sua alma. Essa era uma crença comum e muitos relatos mitológicos estão repletos de deuses deificando almas

o feiticeiro e o mundo dos espíritos, sendo eles conectados pelo próprio destino. Ele age como espírito guardião, animal de destino e professor.

³⁷ Os berserkers nórdicos, por exemplo, eram guerreiros poderosos com força sobre-humana que recebiam seu poder de um espírito tutelar na forma de um urso. Antes de invadirem e pilharem, os berserkers se reuniam para convocar este espírito assistente e se vestiam com peles, dentes e ossos de urso em rituais orgásticos para invocar seus poderes, os quais eles usavam para se tornarem invencíveis.

Os poderes da orgia sexual e da quimíognose eram utilizados por tribos de muitas culturas para convocar espíritos assistentes. Kenneth Grant (1924-2011) explora o poder da magia sexual para o conhecimento e conversação com o Sagrado Anjo Guardião ou deus oculto como ele nomeia em suas obras, *O Renascer da Magia* e *Aleister Crowley & o Deus Oculto*. Uma discussão esclarecedora do deus oculto como sombra (chaya) ou duplo aparece nessas obras e em outra, *Cultos das Sombras*.

Na Idade Média, o poder sexual de atração da bruxa era considerado um espírito familiar, um duplo astral que a acompanhava. A palavra em inglês utilizada para este duplo é fetch (encantar, fascinar); considerava-se que ele possuía grande poder magnético. Desse termo vem outro, fetiche, que descreve algo (um objeto mágico como um talismã) ou alguém com grande poder de atração. Quando a libido é dirigida a um objeto, ação ou parte do corpo ao invés de um parceiro ou um espírito familiar produz-se o espírito do fetichismo. Modernamente entende-se que um fetiche se trata de um objeto, geralmente sem implicações sexuais, como um calçado, que atrai a atenção sexual. No entanto, na tradição da magia desde tempos antigos, um fetiche se trata de um objeto mágico, a morada de um espírito assistente cujas virtudes despertam certo magnetismo. Estátuas adoradas em diversos cultos são, dessa maneira, fetiches. Na Antiguidade, dentre os sistemas oraculares da cultura mediterrânea existia a divinação através de estátuas que ganhavam vida. As estátuas eram portais através dos quais as sacerdotisas oraculares acessavam o espírito assistente que residia nelas. É interessante notar que essas sacerdotisas eram virgens (dedicadas à deusa Vesta, portanto, vestais) ou castas, dedicadas a outros deuses e deusas. Todo o fetch era dirigido ao conhecimento e conversação com a deidade. Se trata de uma prática pancultural bruxas, magos e xamãs de todas as culturas reservarem sua potência sexual para o contato com espíritos assistentes (magia) ou transcendência espiritual (misticismo).

A crença nesse espírito familiar era tão profunda que as bruxas acreditavam que sob certas circunstâncias, o fetch podia se manifestar materialmente, dependendo da concentração de desejo nele projetada. É através do fetch que a bruxa tem poder de magia e ele representa a própria força que produz a criação. Os gregos chamaram este espírito assistente de Eros e disseram que onde ele se manifesta, a magia se realiza. Representando o espírito da libido, o fetch poderia materializar-se como uma sombra ou duplo, engajando em coito sexual com a bruxa em um sabbath de bruxaria. É sobre o trabalho com o fetch ou sombra que Kenneth Grant se debruça em sua obra *Cultos das Sombras*. Eu falei sobre esse tema nas edições de *O Olho de Hoor*, Vol. I, Nos. 9 & 10. A palavra fantasia (faculdade de produzir imagens) que utilizamos no termo fantasia sexual vem da palavra fantasma (ilusão, projeção imaginativa). No grego, ambas denotam demonstrar, fazer visível, tornar aparente. Fantasmas ou fantasia podem ser, portanto, projeções da mente imaginativa, imagens projetadas pelos olhos da mente. A repetição de uma fantasia sexual acerca de uma pessoa como projeção imaginativa pode, com o tempo, capacitar o fetch a atrair a pessoa desejada pela bruxa. Em contos medievais de feitiçaria, as bruxas velhas atraíam suas vítimas para floresta, homens e mulheres, projetando a imagem de uma jovem voluptuosamente sedutora. Tratava-se do fetch materializado. Espíritos de todos os tipos, incluindo vampiros (súcubos ou íncubos), demônios etc. são atraídos ao fetch das bruxas como mariposas são atraídas a luz. Na magia sexual cerimonial, a lamparina mágica representa o fetch dos magos, que precisa ser alimentado com ojas para brilhar reluzente.

Por outro lado, a palavra fascinar é latina e originalmente significava feitiço ou encantamento. Fascinar é colocar alguém sob feitiço ou encanto. Nós nos fascinamos por tudo que nos chama atenção das inclinações naturais humanas; fantasias sexuais têm uma natureza obsessivamente atraente e é sobre este princípio que opera a magia sexual com o chaya. O fetch é o poder sobre o qual a bruxa projeta os fantasmas de sua mente, sejam eles conscientes ou não. Por sua vez, como um assistente mágico ele torna tangíveis esses fantasmas. Em outras palavras, o fetch é como o gênio da lâmpada que realiza os desejos da bruxa.

Através da magia sexual o fetch é alimentado com ojas, tornando-se uma lamparina reluzente nos planos internos, o que torna a bruxa magnética e atraente. As frustrações sexuais, de outra maneira, contaminam e adoecem o fetch, que atrairá apenas criaturas espirituais substancialmente torpes e de natureza vil.

humanas. Os papiros gregos atestam, como vimos acima, que o contato com o paredros livra a alma do mago da masmorra do Hades, de maneira que ela permanece intacta, deificada e servindo como mestre, guia e assistente de outros magos em uma família de espíritos. São Cipriano, Fausto, Simão, o Mago, Maria de Padilha, Merlin, entre muitos, são almas deificadas que atuam como espíritos patronos ancestrais de magos e feiticeiros.

No xamanismo vermelho, uma maneira de entrar em contato com o espírito assistente é através da busca da visão, que implica jejum, esgotamento físico, preces e cânticos. Essa busca confere ao feiticeiro o poder de seu espírito assistente - sua medicina. Assim como um mago acessa a sua magia particular em contato com o espírito assistente, um feiticeiro xamânico acessa sua medicina particular de cura através dele. Como vimos em *Damonium* (Vol. I), a disciplina espiritual de todas as culturas para o conhecimento e conversação com o espírito assistente é quase que universal, compartilhada por xamãs, monges cristãos, magos salomônicos e kimbandas.

O weyekin é um espírito guardião do deserto conjurado na tradição do xamanismo vermelho através da mesma disciplina da busca da visão. Este espírito é convocado na entrada da adolescência, quando um jovem é enviado ao deserto, sendo ele assessorado por um homem de medicina (feiticeiro). A tradição conta que a alma deve atrair o weyekin que, por sua vez, é compelido a ela pelo seu poder de disciplina, propósito e força de vontade.

Se o jovem não tem essas qualidades inatas na alma, despertadas pela ocasião do retiro, o weyekin não é atraído por ela. O weyekin, desrespeitado pela falta de disciplina, coragem e vontade do jovem, ao invés de passar auxiliá-lo, passa a castigá-lo, trazendo muitas mazelas a sua vida. A medicina do weyekin é o poder de cura e o trato com almas mortas, auxiliando o feiticeiro em suas pajelanças.

A tradição da magia oferece o pacto para se estabelecer uma relação harmoniosa de confiança entre o mago e os espíritos, todos eles. Na Antiguidade tardia, período em que situamos os Papiros Mágicos Gregos, a realização máxima da jornada de um mago era adquirir Conhecimento & Conversação com o espírito assistente e com ele forjar um pacto. Foi neste período que a apologia cristã contra a feitiçaria, relatando a vida de São Cipriano, começou a ser tecida em uma das muitas tentativas de depreciar a magia em detrimento da fé cristã³⁸.

38 Uma dessas tentativas foi a demonização do mago Merlin que viveu no Norte da Bretanha por volta do Séc. V d.C. Merlin foi considerado o último profeta pagão da Europa. Nas apologias cristãs contra o paganismo europeu ele foi transformado em um velho druida meio-homem; filho do Diabo em pessoa, Merlin foi reverenciado por sua sabedoria e condenado ao inferno pela prática da magia. Como veremos adiante, a doutrina do pacto com o diabo proliferada pelas crônicas cristãs seguiu este mesmo caminho de deturpação do sentido original de pacto com os espíritos, mantendo aspectos essenciais da tradição, mas com implicações severamente negativas ao adicionarem a concessão da alma pela busca de poder temporal.

Os Papiros Mágicos Gregos apresentam o gênio familiar como o paredros, um espírito assistente que é a origem dos poderes taumatúrgicos e oraculares de um mago. Santo Irineu de Lião (130-202 d.C.) em seu *Contra as Heresias* acusa o Marcos, um líder gnóstico que ele atribui a alcunha de mago, de ser acompanhado por um espírito assistente, o qual lhe dotava com capacidades proféticas.

Os apologistas cristãos também acusam Simão, o Mago de ser auxiliado por um espírito tutelar. Mas, é somente em Santo Agostinho (354-430 d.C.) que o espírito assistente ou gênio familiar, o patrono do mago, se transforma definitivamente no Diabo, o qual solicita um pacto de posse da alma do mago, como vemos na história de Fausto. Os apologistas cristãos que teceram as histórias de São Cipriano, Fausto e Simão, o Mago como ataques a tradição da magia tinham essa ideia em mente.

Com essa demonização do espírito assistente, a Igreja de Roma apresentou, com o tempo, sua própria versão do espírito assistente, o Anjo da Guarda. No entanto, paralelamente, a ideia original do espírito assistente como apresentada nos papiros gregos sobreviveu e se tornou a estrutura por trás do retiro (ou isolamento) e operação mágica de Abramelin³⁹.

Assim como no xamanismo, o mago se retira na busca da visão, conhecimento e conversação com seu espírito tutelar. Isolamento, silêncio, jejum, preces, orações e invocações, alimentação e sono restritos. Os ingredientes para essa jornada são os mesmos tanto no xamanismo quanto na tradição da magia. Seu coroamento é o pacto que se estabelece com o gênio familiar para dele receber seus poderes e o controle sobre uma miríade de criaturas espirituais. São Cipriano diz: O grande segredo da magia é a arte de fazer pactos com os espíritos para deles obter ajuda em toda classe de experimentos e para que eles desvendem segredos, mostrem tesouros e operem prodígios⁴⁰.

O pacto com as criaturas da Natureza pode ser considerado a primeira iniciação na Arte dos Magi ou, pelo menos, a mais especial. Como vimos em *Damonium* (Vol. I), o famigerado *pacto com o diabo* data do período conflitante



39 É interessante notar a similaridade entre o sistema de magia divina em *O Livro da Magia Sagrada de Anramelin*, o Mago, com o sistema gnóstico de iniciação. Em meu livro *Corrente 93: A Corrente Solar do Novo Aeon* esse tema foi elaborado e apresentado com detalhes.

40 São Cipriano, *O Livro de São Cipriano: Tratado Completo da Verdadeira Magia*, Pallas, 2017.

que marcou os Séc. III e IV d.C., onde um profundo debate e embate ocorria entre o cristianismo e as tradições pagãs do Mediterrâneo.

Apologias cristãs contra a magia, como a história de São Cipriano, começaram a ser disseminadas, ganhando prestígio e fama. Nessas apologias a magia aparecia como obra do Diabo e para aprendê-la, o mago teria de estudar com o próprio Diabo em troca de sua alma no pós-morte. Como essas histórias ilustravam a vitória do cristianismo sobre a tradição dos magos, aqueles que faziam pacto com o Diabo e vendiam a ele suas almas logo se arrependiam de seus feitos, suplicando a Deus por misericórdia e libertação da alma - presa ao Diabo pelo poder do pacto.

Eram apologias de condenados arrependidos. As histórias mais antigas que relatam o pacto com o Diabo são as de Teófilo de Adana e a do senador romano Protério de Cesaréia. Ambos são personagens do Séc. IV d.C. Enquanto Teófilo de Adana fez um pacto com o Diabo para reaver sua posição na Igreja Católica, Protério de Cesaréia teve a sua filha seduzida por um servo que houvera feito um pacto com o Diabo.

Essas histórias influenciaram substancialmente a Confissão de São Cipriano, que já circulava no tempo de Santo Agostinho. Seja como for, essas apologias construía a ideia de que, por meio do pacto e o juramento da entrega de sua



alma ao Diabo, o mago conquistaria sucesso naquilo que desejasse. Teófilo queria retomar o cargo episcopal de bispo na Igreja, mas São Cipriano, no entanto, queria algo mais, como vimos em *Damonium* (Vol. I); ao avaliarmos a busca de São Cipriano entendemos que ela reflete os anseios espirituais do mago da Antiguidade: a deificação de sua alma através do conhecimento e conversação com o espírito assistente.

São Cipriano representa, portanto, o típico mago da Tradição Hermética de Mistérios como estudamos nas Lições do Curso de Filosofia Oculta, assim como a típica busca do kimbanda brasileiro. Sua história e as conquistas nela narradas são importantes porque demonstram os passos pelos quais qualquer mago busca aprender, compreender e praticar a Arte Notória; em outras palavras, se inserir na tradição da magia.

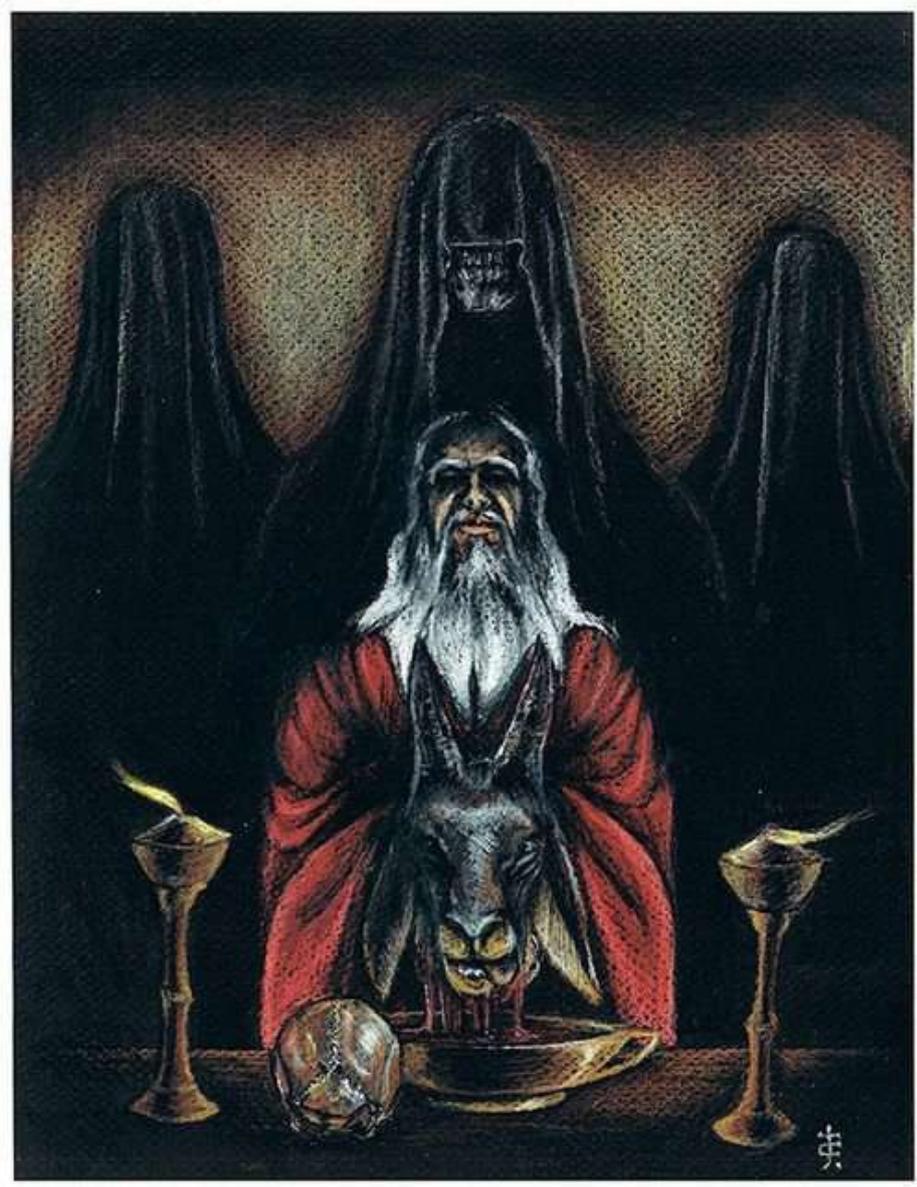
Toda essa estrutura é apresentada fielmente na história de Fausto, que apareceu como hoje a conhecemos somente no fim da Idade Média. Tanto São Cipriano quanto Fausto travaram comércio com o Diabo, no entanto, pessoal. O diabo pessoal de São Cipriano e Fausto e o espírito assistente ou Sagrado Anjo Guardião que todo mago anseia conhecer e estabelecer conversação, o Exu tutelar dos kimbandas brasileiros.

Nesse ponto de nosso estudo você poderia se perguntar: *se tudo o que foi escrito sobre São Cipriano, sua história, feitos, trajetória mágica, feitiços, orações e pensamento mágico-filosófico se tratam de uma construção fictícia, embora baseada fidedignamente na tradição da magia e nos feitos dos magos, como pode ele ser uma alma deificada?* A resposta a esta indagação é técnica. Nos nossos estudos do Curso de Filosofia Oculta vimos que a Alma do Mundo se difunde de um modo especial por todas as partes do cosmos, um meio de qualidade feminina que os *Oráculos Caldeus* chamavam de Hécate e, segundo o pensamento de Agrippa, moldada a partir de proporções numéricas harmoniosas.

Essas proporções numéricas são sunthematas noéticas, símbolos sencientes do Plano das Ideias arranjados em proporções áureas ideais que, por consequência, produzem efeitos miraculosos de criação mágica na Natureza. É dessa maneira que o Criador manifestou fisicamente todas as coisas.⁴¹

Assim, qualquer mago que manipule estes símbolos noéticos com precisão pode modular qualquer coisa que ele deseja na Alma do Mundo, claro, sob as condições adequadas. Essas condições adequadas é tema do primeiro livro de filosofia oculta de Agrippa e a manipulação desses símbolos noéticos o

41 Por Alma do Mundo nos escritos de Eliphas Levi leia-se Luz Astral. É interessante notar como essa doutrina fomentou as concepções modernas acerca da magia. Para Levi, a projeção da vontade via imaginação, quer dizer, a manipulação de sunthematas noéticas ou proporções numéricas harmoniosas é o suficiente para dar movimento e forma a Luz Astral.



tema do segundo livro, magia natural e magia matemática respectivamente.⁴²

Por outro lado, a história mítica de São Cipriano vem tomando forma desde a Antiguidade tardia. Aonde São Cipriano chegou sua feitiçaria se uniu a magia de culturas locais.

Assim, com o tempo uma miríade de escritos começaram a aparecer com o nome de São Cipriano, trazendo feitiços, rezas, benzas, maldições, conjurações, orações etc. de várias culturas europeias e, recentemente, até brasileira.

Com meio mundo entrando em contato com o espírito de São Cipriano, através de seus grimórios, chamando

seu nome, rezando seus feitos e poderes, uma criatura espiritual começa a ser gerada dentro da Alma do Mundo e hoje existe um São Cipriano deificado nos planos internos, espírito patrono dos feiticeiros, disciplinador da alma dos mortos, conjurado e assentado em altares por magos de várias partes do globo.

É dessa maneira que São Cipriano tornou-se uma alma deificada capaz de auxiliar magos e feiticeiros em seus trabalhos espirituais. Hoje qualquer mago pode conjurar a presença espiritual de São Cipriano e assentá-lo como um espírito tutelar.

Táta Nganga Kamuxinzela
Mestre de Quimbanda Nàgô e Quimbanda Mussurumin
Cova de Cipriano Feiticeiro
Templo de Quimbanda Maioral Exu Pantera Negra
www.quimbandanago.com

42 Veja Agrippa, Três Livros de Filosofia Oculta. É pela falta deste conhecimento que a magia – leia-se psicurgia – do caos não funciona efetivamente.

Os pontos de força na Umbanda e na Quimbanda

Designam-se Pontos de Força as áreas naturais onde se encontram as vibrações das entidades, falangeiros, Orixás e demais divindades. Quando dizemos "natural", estamos falando do lócus onde se encontra naturalmente a força de determinada linha ou atuação de determinado povo espiritual, não necessariamente que sejam criadas a partir da natureza, apesar da maioria ser assim.

Esses Pontos de Força podem ser as matas, as cachoeiras, as pedreiras, os mares, as praias, os montes, as montanhas, os cemitérios, as cidades, as encruzilhadas, as estradas, os campos etc.

Podemos dividi-los entre Pontos de **Força naturais** e **não naturais**¹.

Os Pontos de **Força naturais** são aqueles forjados pela própria natureza como as matas, as praias, as pedreiras, as cachoeiras, o mar, as montanhas, os montes, as clareiras e assim por diante. Porém, uma estrada no meio da

¹ Evitei de usar o termo artificial, pois não é artificial, só é criado pela civilização se tornando parte do culto e da espiritualidade.



mata, por exemplo, é um caminho não natural, pois foi criada pelo ser humano ou houve a interferência de rastros de animais, ou seja, houve uma intervenção além da criação pura do local.

Os **Pontos de Força** não naturais são as cidades, as estradas de terra ou de cimento, as ruas, os comércios, os bares, as boates, os bancos, as encruzilhadas e tudo aquilo aonde houve interferência do ser humano em sua criação.

As entidades se relacionam com os **Pontos de Força** de força conforme a sua própria vibração, então raramente encontraremos um povo da Lira (ambiente extremamente urbano) dentro de uma mata fechada, simplesmente não há ressonância energética.

Além disso, todos esses locais possuem guardiões, seres responsáveis pela manutenção da existência e da segurança de todos os outros seres que ali estão, sejam eles encarnados ou desencarnados, sejam espíritos ou encantados.

Por vezes, até os elementais e seres da natureza invisível são os protegidos. Dessa forma, é essencial ter o conhecimento de como adentrar nesses locais, como fazer as pagas e oferendas corretas, para não haver problemas de cobranças posteriores. Além disso, quando fazemos as pagas corretas, também garantimos que nosso trabalho tenha mais chances de sucesso.

A princípio, crio a ressalva de que devemos evitar a todo custo poluir os locais, sejam eles naturais ou não naturais, usando de elementos que possam ser absorvidos ou limpos com facilidade. Dessa forma, oferendas nas matas geralmente são feitas em cima de folhas como as de bananeira, taioba, mamona e outras folhagens, podendo ser substituídas pelo papel vegetal com a cor



correspondente ao reino que está se fazendo a entrega.

Deixar alguidares, garrafas, copos e outros utensílios que não se degradam facilmente não é interessante. Claro que, em alguns casos, é quase impossível não se utilizar, mas deve-se evitar. Abrindo exceções somente frente a grandes impossibilidades. O prato de barro, por exemplo, pode ser substituído por um prato de papelão.

No caso das velas, geralmente, são completamente consumidas, mas recomendamos que, se possível, posteriormente recolher os restos. Na impossibilidade completa, é compreensível que não há muito que fazer, como uma oferenda a distância onde não se pode passar novamente, então é necessário haver bom senso nesse sentido. Nem tanto ao céu e nem tanto a terra.

A DIFERENÇA DE ENTENDIMENTO ENTRE QUIMBANDA E UMBANDA

Dentro da Umbanda tem-se por princípio litúrgico e teológico que todos os locais possuem vibrações e pares vibracionais que chamamos de Orixás. Os Orixás são irradiadores de entidades, que costumamos chamar de falangeiros ou entidades espirituais.

Dessa forma, pelo entendimento da Umbanda, ao adentrar um campo natural ou não natural, devemos agradecer e ofertar algo ("pagando" a entrada e uso) para o guardião do local, geralmente expresso nesta forma apresentada acima.

Na Quimbanda o mesmo entendimento se dá, porém, sem a lógica do Orixá por trás das energias, mas sim de Exus Naturais que são guardiões desses locais. Quando falamos "guardiões" é empregado o sentido de guardar segredos, mistérios, arcanos e locais, não no sentido de guardião pessoal ou anjo da guarda.



Como na Umbanda, na Quimbanda, ao adentrar um campo natural ou não natural, costuma-se fazer a paga para o guardião do local.

Mas e o Umbandista que também é quimbandeiro? Deve fazer paga para todos? Não necessariamente, mas sempre

dentro da egrégora à qual ele está representando no momento. Por exemplo, se for fazer um trabalho de Umbanda no cemitério, deve-se fazer a paga conforme prega a Umbanda, se for fazer um trabalho de Quimbanda no cemitério, deve-se fazer a paga conforme prega a Quimbanda.

Mas isso não causa problemas espirituais? Confusões? As entidades não se melindram?

Não, elas não se melindram com isso, pois entendem sobre a questão da egrégora naquele momento. O que importa a elas é o acesso a força ANTERIOR a Orixá ou Entidade, seja Exu ou Caboclo.

Existe uma energia anterior, expressa na Teoria dos Potes de Forças.

OS PONTOS DE FORÇA

Existem diversos **Pontos de Força**, mas geralmente usamos na Umbanda e na Quimbanda os mesmos: matas, praias, cachoeiras, rios, mares, pedreiras, cemitério, encruzilhadas, estradas, lira.

Alógica é que, antes de qualquer trabalho a ser efetuado, se faça o pagamento do local. Em alguns casos mais específicos, como do cemitério, que possuem diversas pagas, geralmente o pagamento é feito para uma só entidade ou uma dupla de entidades.

O que usamos para fazer os pagamentos? Basicamente usamos: curiadores, búzios, moedas, fumo, charutos, cigarrilhas, palheiros, velas, mel e outros elementos.

Dentro das práticas de Umbanda não há a questão da imantação da fala. Já dentro da Quimbanda existe, então, antes de qualquer tipo de direcionamento à espiritualidade devemos mascar uma quantidade de semente de ataré (pimenta-da-costa), entre três, sete ou nove favas e então colocar um pouco de marafo dentro da boca, misturando a saliva, o marafo e o ataré e soprando nos locais que faremos as entregas.

Além de “consagrar” o local, também estamos imantando nossa língua e nossa fala, limpando a mesma e recebendo poder para falar com as divindades.

ENTRANDO NO CAMPO SANTO

O Campo Santo ou Cemitério é o local, de longe, mais usado pelo Umbandista e pelo Quimbandeiro. Macumbeiro que nunca fez entrega no cruzeiro das almas, nunca acendeu vela na encruzilhada do cemitério ou deixou um agrado nos portões, não é macumbeiro.

Dentro do Campo Santo existem diversas áreas de atuação dos espíritos. Aqui, vou dividir entre Umbanda e Quimbanda para facilitar o entendimento. Além disso, nesse local, existem diversos pontos de forças a serem saudados.

NA UMBANDA



Na Umbanda, o cemitério ou Campo Santo, é local de força de Omolu e Iansã de Balé. Podemos encontrar outras entidades transitando por esse local, como é o caso de Ogum Megê, Ogum Naruê e Ogum Nagô, além dos Oguns de Ronda aos arredores.

Para ir ao cemitério é costume usar um dente de alho no bolso ou um pedaço de fumo de rolo.

Quando vamos entrar no cemitério para fazer qualquer tipo de trabalho², devemos na porta do cemitério, antes de entrar, saudar senhor Ogum Megê (dono daquele campo santo) e pedir permissão aos Oguns de Ronda para entrar de forma segura. Isso se faz através de uma simples evocatória, dizendo o seguinte:

“Que Ogum Megê permita a minha entrada nesse campo santo para as práticas que irei aqui realizar. Que todo povo de Ogum de Ronda libere meu caminhar nesse campo santo.”

Nesse caso, não existe a necessidade de fazer qualquer paga. Mas ao entrar no cemitério, deve-se caminhar até o batente esquerdo (olhando para frente da

² Se você for entrar para visitar, ir em um velório ou enterro, ou simplesmente atravessar o local, não tem sentido fazer oferendas. Só fazendo as pagas quando vamos usar o campo santo ou retirar algo dele.

entrada) e deixar lá uma moeda de qualquer valor como paga para entrar no Campo Santo, pedindo licença ao Exu da Porteira.

Existem casos em que o batente esquerdo está indisponível, como no caso do cemitério da Quarta Parada em São Paulo, onde há um lixão no lugar. Então, você pode fazer no outro batente, sem problemas.

Ao entrar no cemitério, você deve se encaminhar ao ponto de força em que fará o trabalho, que no caso da Umbanda é única e exclusivamente o cruzeiro das Almas. Lá, você deve acender uma vela preta e vermelha e uma vela branca e pedir licença aos Exus donos desse cemitério, no caso, a vela preta e vermelha vai ser oferecida para Exu João Caveira e a vela branca a Exu Omulu-Rei.

Eu, em minha prática pessoal, também oferto uma vela preta e branca (bicolor) ou totalmente vermelha para Pombagira Rosa Caveira, pois meu entendimento é que ela também é dona desse campo santo.

Após isso, pode-se fazer o trabalho no local. Quando for se retirar, deve-se deixar outra moeda como paga. Nesse caso jogamos a moeda na saída por cima do nosso ombro esquerdo, dizendo:

“Que tudo aquilo que não é meu fique aqui e que só o que é meu me acompanhe”.

Ao sair do Campo Santo, jogamos fora o dente de alho ou o fumo de rolo.

NA QUIMBANDA

Na Quimbanda, o Campo Santo, é o local de diversos reinos, povos e legiões. Algumas vertentes de Quimbanda acabam dividindo o povo da Kalunga Pequena entre Caveiras e Almas, dentro da nossa tradição de Quimbanda Nagô, o povo dos Caveiras e o Povo das Almas respondem no Reino das Almas.

O regente do povo dos Caveiras é seu João Caveira e Dona Rosa Caveira. O regente do povo das Almas é o seu Exu Omulu-Rei.



Ao chegar à porta do cemitério saudamos as forças dos regentes deste local, pedindo para entrar, indo até o batente esquerdo e ali no perímetro fazendo uma pequena oferta para o Exu da Porteira, deixando uma Vela Branca, Preta e Vermelha ou Preta e Branca, um pouco de fumo picado, um palheiro ou charuto, uma moeda ou búzio e derramando um pouco de cachaça.

Antes de ofertar todos esses elementos, pegamos o ataré (pimenta da costa) mascamos algumas favas e misturamos com cachaça na nossa boca e soprados esse preparo no local onde faremos a paga.

Então, colocamos a moeda no chão, acendemos uma vela em cima da moeda, ou no caso do uso dos búzios, deixamos o búzio ao lado da vela, deixamos o fumo picado em torno, acendemos o charuto ou palheiro, baforamos no local e então derramamos parte da cachaça nesse local (não precisa ser o conteúdo inteiro).

Em seguida, pedimos licença ao Exu da Porteira para adentrar o local e fazer nossos trabalhos; pedimos licença aos donos da Calunga Pequena, seu João Caveira, dona Rosa Caveira e seu Omulu-Rei.

Nos direcionamos até o local de trabalho, que na Quimbanda podem ser vários locais, como as encruzilhadas dos cemitérios, as covas, os túmulos, as lombas, a lixeira do cemitério, a igreja do cemitério e o cruzeiro das almas.

Não importa o que for fazer ou onde for fazer, o seu primeiro direcionamento é sempre ao cruzeiro das almas para fazer a paga dos regentes do cemitério. Depois disso, você se direcionará ao local que irá efetuar o trabalho.

No cruzeiro das almas, novamente mascamos ataré e misturamos com marafo e assopramos no local que iremos fazer as entregas (mesmo que seja a paga). Nesse cruzeiro oferecemos fumo, charuto, palheiro, moedas, búzios e as velas. Eu costumo ofertar vela preta e vermelha para Exu João Caveira, vela branca para Omulu-Rei e vela branca e preta para Dona Rosa Caveira.



Coloco um pouco de fumo ou charuto e palheiro no local, após baforar com ele em direção às velas. Ofereço uma moeda de um real e o marafo em torno.

Despejando o conteúdo restante.

Marafo e ataré são itens que você sempre terá que ter contigo em quantidade. Após isso feito, pedimos licença a esses povos para fazer nossos trabalhos e procedemos com as entregas.

Algumas vezes, precisamos extrair elementos do cemitério, como é o caso de terra, instrumentos e até mesmo plantas. Feita essa paga, você irá depois a cada local onde irá retirar algo e lá, pelo menos, derramar marafo para pagar o chão.

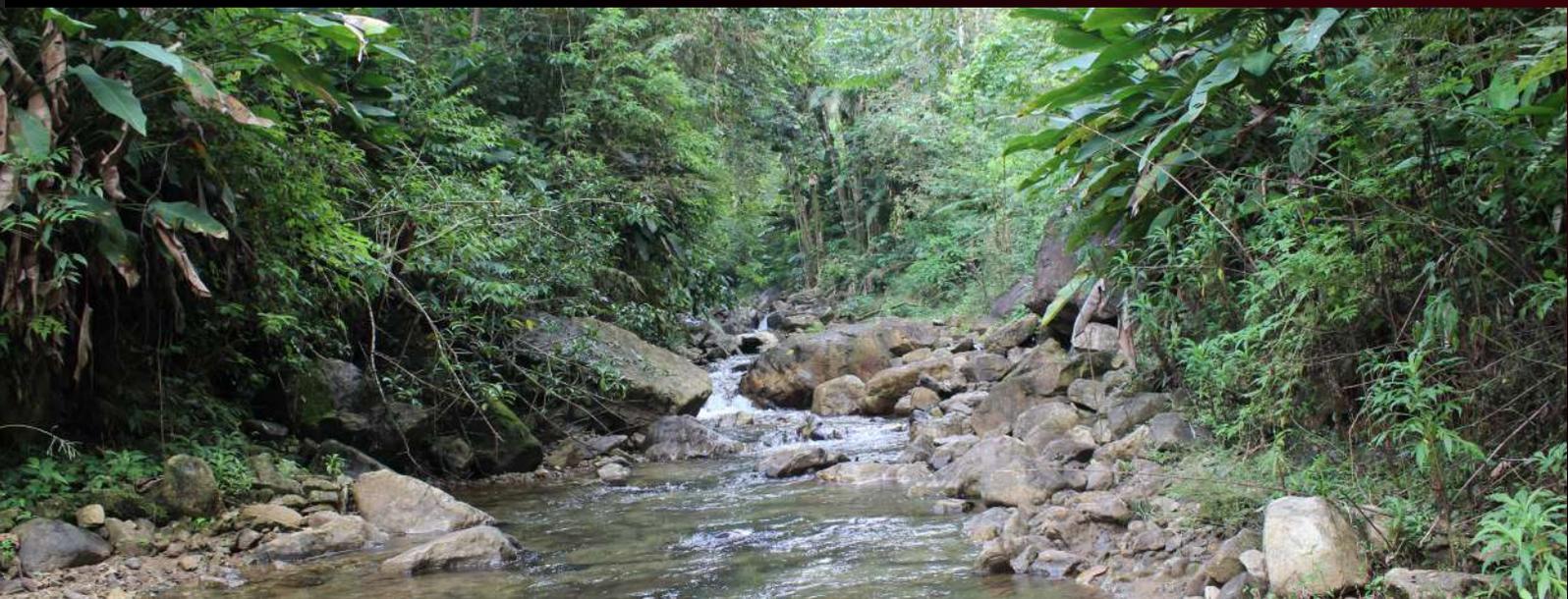
Eu, particularmente, gosto de pagar o povo dos locais dentro do cemitério quando atuando neles. No caso de uma Tumba ou Cova, agradeço ao Exu 7 Covas; no caso de uma catacumba, o Exu 7 Catacumbas; no caso de uma encruzilhada, o Exu Rei das 7 Encruzilhadas do Cemitério, no caso da Lixeira, o Exu Mulambo e/ou Pombagira Mulambo da Lixeira etc.

Acender velas para eles nesses locais, dar um fumo e um pouco de cachaça é a paga usual. Os Exus das Almas e dos Cemitérios recebem tanto as velas bicolores pretas e vermelhas, quanto a vela branca ou a branca e preta. No caso do povo das Encruzilhadas, a vela preferida é a vermelha e preta.

Fazemos nossas ritualísticas e ao ir embora, você deve deixar uma moeda no local como paga, jogando-a pelo seu ombro esquerdo, sempre repetindo:

“Agradeço aos donos desse campo santo e peço que tudo aquilo que não é meu fique aqui e que só o que é meu me acompanhe”.

ENTRANDO NAS MATAS, RIOS, CACHOEIRAS, PEDREIRAS, PRAIAS E MANGUES



As matas são qualquer local onde há vegetação. Podemos expandir o entendimento de matas para praças, ilhas, parques, Pontos de Força, pastos e até mesmo mata fechada. Contudo, existem outras estruturas dentro das matas como as cachoeiras, pedreiras, rios, estradas, trilhas e até mesmo praias ou mangues.

NA UMBANDA

No entendimento da Umbanda, as matas são locais consagrados a Oxóssi, porém, existem nas matas, os rios e cachoeiras que são Pontos de Força de Oxum; as pedreiras que são Pontos de Força de Xangô; as estradas e trilhas que são Pontos de Força de Ogum; as praias que são Pontos de Força de Iemanjá; e o mangue que é campo de Nanã Burukê.

Quando entramos na mata dentro da Umbanda saudamos tanto ao seu guardião, Oxóssi, quanto ao encantado natural guardião das matas que conhecemos como Exu das Matas. Para pagar Oxóssi damos a ele uma vela



verde ou um pedaço de fumo de corda e um pouco de água de coco, vinho moscatel ou suco de frutas.

Para o Exu das Matas podemos proceder dando uma vela preta e verde ou na falta de uma bicolor, pode-se usar uma toda verde e uma toda preta, além de fumo de rolo, charuto, búzios, mel e marafo.

NGANGA

Se for fazer algum trabalho específico nos rios e cachoeiras, devemos agradecer ao povo de lá, na imagem de Oxum, com uma vela azul escuro. Também agradamos ao exu dos rios com uma vela azul e preta e, na falta, duas velas, uma azul e uma preta, marafo e fumo (podendo ser charuto, palheiro e até mesmo fumo de rolo picado).

Nas pedreiras, fazemos o mesmo com Xangô, com vela marrom e cerveja escura. Agradamos também ao Exu 7 Montanhas ou Exu Treme-Terra com uma vela preta e uma vela marrom, fumo, charuto de capa escura e marafo.

No caso das estradas e trilhas das matas, saudamos Ogum Rompe-Mato com uma vela verde e uma vermelha, além do Exu das Matas, neste caso, ser saudado também, conforme exposto anteriormente.

Para saudar as praias, usamos uma vela azul claro ou uma concha (búzios), e saudamos o Exu da Praia e a Pombagira da Praia, acendendo uma vela azul e uma vela preta para eles, dando marafo e fumo picado.

Para saudar os mangues, em menção a Nanã Burukê, damos uma vela lilás ou violeta. Saudamos também o Exu do Lodo com uma vela violeta e outra preta, marafo e fumo picado.



NA QUIMBANDA

Na Quimbanda, o entendimento é bem similar dos já expostos, visando que só iremos cultuar o Exu, dessa forma, dentro do meu entendimento, o uso da vela preta se faz desnecessário, porém, costume assumir que uma vela preta e vermelha representa a dualidade do povo de exu, então acabo acendendo conjuntamente.

Dessa forma ficaria assim:

CAMPO DE FORÇA	GUARDIÃO DO LOCAL	VELAS A SEREM OFERTADAS
MATAS	EXU DAS MATAS E POMBAGIRA DAS MATAS	VERDE E PRETA VERDE E PRETA-VERMELHA
RIOS E CACHOEIRAS	EXU DOS RIOS E POMBAGIRA DOS RIOS	AZUL E PRETA AZUL E PRETA-VERMELHA
PEDREIRAS	EXU TREME-TERRA	MARROM E PRETA MARROM E PRETA-VERMELHA
PRAIAS	EXU DA PRAIA E POMBAGIRA DA PRAIA	AZUL CLARO E PRETA AZUL-CLARO E PRETA-VERMELHA
MANGUES	EXU DO LODO	VIOLETA E PRETA VIOLETA E PRETA-E-VERMELHA

Lembre-se que na Quimbanda sempre deve-se fazer a imantação e consagração através do uso do ataré com o marafo em todos os locais. Além dos itens acima expostos, sempre damos fumos e um pouco de bebida para a terra.

Dentro dos itens do Quimbandeiro, carregamos diversos charutos, palheiros e fumo picado, para esses casos.

Podemos acrescentar outros elementos também nessa entrega, mas o citado acima é sempre o básico.

ENTRANDO NAS ENCRUZILHADAS, ESTRADAS E CAMINHOS.

As encruzilhadas são os caminhos clássicos de Exu e Pombagira. Dentro do entendimento da Umbanda, o dono de todas as estradas é Ogum, sendo a encruzilhada o encontro de duas ou mais estradas, se dá assim a sua relação também com o Orixá dos Caminhos, mas seu grande guardião seria Exu.



Existem diferenças no entendimento da Encruzilhada para Umbanda e Quimbanda, sendo que podemos ter diversos tipos de encruzilhadas como Encruzilhada das matas, das praias, dos rios, dos cemitérios etc.

As encruzilhadas em formato de X ou cruz, geralmente, são associadas aos Exus, enquanto as encruzilhadas em forma de T são associadas as pombagiras, dentro da Umbanda. Ainda tendo a encruzilhada em Y que, para algumas tradições, é para Exu Mirim.

Dentro do meu entendimento todas as encruzilhadas são de TODOS os Exus e Pombagiras, não importando seu formato.

NA UMBANDA

Na Umbanda, o grande dono dos caminhos é Ogum, orixá do ferro, da tecnologia, da agricultura e de diversos outros domínios. Por ser um Orixá da tecnologia, se alinha perfeitamente com as estradas que são os caminhos criados para facilitar o trânsito entre os locais, aumentando assim, a capacidade de comércio, de movimentação militar e de movimentação corriqueira.

Quando vamos fazer uma oferenda em encruzilhadas, estradas e trilhas, mesmo que seja para Exu, que é o mais clássico dos Orixás que encontramos neste local, sempre devemos ofertar Ogum primeiro.

A oferta para Ogum se dá no centro da Encruzilhada, enquanto a oferta para Exu se dá em um dos cantos da Encruzilhada.

Acendemos uma vela vermelha para Ogum, ao centro da encruzilhada e uma vela preta-e-vermelha para Exu no canto esquerdo da encruzilhada. Depois de pedir licença a esses povos, podemos proceder nossos trabalhos neste local.

NA QUIMBANDA

Na Quimbanda, a Encruzilhada é o local do Exu Rei das 7 Encruzilhadas e de Pombagira Rainha das 7 Encruzilhadas, encontrados dentro da Falange de Malê, um dos mais altos graus hierárquicos dentro das linhas de Exu. São Exus de extrema capacidade mágica e que conseguem abrir e fechar todos os fluxos das nossas vidas.

Geralmente, as estradas e trilhas acabam por serem também associadas a esses Exus, dessa forma, oferendamos a eles sempre a vela preta e vermelha e para Pombagira Rainha a vela vermelha, além de charuto, cigarrilhas e marafo.

ENTRANDO NA LIRA



A Lira ou Reino da Lira não faz muito sentido dentro da Umbanda. Raramente fazemos entregas em seus domínios e quando o fazemos acabamos por oferendar Ogum com uma vela Vermelha, por se tratar de um espaço urbano.

A Lira compreende toda a vida comercial de uma cidade, seja ela diurna ou noturna, desta forma, bares, restaurantes, comércios, bancos, casas de prostituição, bordeis, danceterias, casas de dança, teatros, estúdios, tudo que existe numa cidade é o campo da Lira.

A lira recebe geralmente a vela vermelha e preta, mas pode receber também a tríade de velas, uma branca, uma vermelha e uma preta. Além de cigarros, cigarrilhas, charutos e sempre um bom marafo.



Algumas linhas, como a dos malandros gostam tanto das cachaças, quanto dos gins e conhaques. Devemos sempre questionar a sua preferência.

Como é localizada em ambiente urbano, é como se nós fizéssemos parte deste mundo. Dentro da minha observação, poucas pessoas fazem pagas para o povo da Lira, o que pode acarretar grandes problemas. Então, coloque isso como pauta, oferte o dinheiro, o baralho, o dado e outros objetos ligados a esse povo, além das velas, bebidas e fumos.

CONCLUSÃO

Como se pode perceber existem diferenças, mas relacionadas às questões de culto. O importante é

sempre o respeito à tradição. Não tente ludibriar a entidade para gastar menos nas entregas. Lembre-se que o que foi, vai voltar e que Exu é caminho.

Faça as coisas da forma correta, com calma, paciência, sem euforia, que tudo dará certo. Lembre-se que em todos os lugares existem donos e guardiões e que devemos sempre pedir licença e agradecer ao povo que é dono do lugar.

Você não gostaria de alguém chegando à sua casa sem bater e sujando todo seu lar, tampouco as entidades gostam.

Saravá, Axé, Laroyê!

Idealizadores





NO CHANGA